

Mariane Costa Bepu

**Um amor revolucionário: contingências
envolvendo o ciúme -**

**Uma reflexão teórica baseada no relacionamento de
Jean-Paul Sartre e Simone de Beauvoir.**

Curso de Psicologia
Faculdade de Ciências Humanas e da Saúde
Pontifícia Universidade Católica de São Paulo

São Paulo

2010

Mariane Costa Bepu

**Um amor revolucionário: contingências
envolvendo o ciúme -**

**Uma reflexão teórica baseada no relacionamento de
Jean-Paul Sartre e Simone de Beauvoir.**

Trabalho de conclusão de curso como
exigência parcial para a graduação no
curso de Psicologia, sob orientação do
Prof. Dr. Plínio de Almeida Maciel Junior

Curso de Psicologia
Faculdade de Ciências Humanas e da Saúde
Pontifícia Universidade Católica de São Paulo

São Paulo

2010

Bepu, Mariane Costa – **Um amor revolucionário: contingências envolvendo o ciúme** – Uma reflexão teórica baseada no relacionamento de Jean-Paul Sartre e Simone de Beauvoir. 2010. Orientador: Prof. Dr. Plínio de Almeida Maciel Junior.

Resumo

O presente estudo trata do tema do ciúme nos relacionamentos amorosos abertos. Apesar de sua universalidade, identificou-se a escassez de trabalhos nacionais sobre o mesmo. A partir da contextualização de diferentes visões sobre o tema, foi realizado um exercício de reflexão teórica sobre as manifestações de ciúme no relacionamento amoroso de Jean-Paul Sartre e Simone de Beauvoir, na perspectiva da Análise do Comportamento. A escolha desta relação como objeto de análise se deu em função de ela ser conhecida como protótipo dos relacionamentos amorosos abertos da atualidade. Buscou-se identificar as contingências nas quais o ciúme está envolvido, procurando-se analisar outros aspectos desta relação que contribuíram para que ela se tornasse conhecida publicamente, como foi. A relevância deste trabalho está na possibilidade de ele contribuir para o entendimento de um comportamento que muitas vezes está relacionado ao sofrimento das pessoas no cotidiano.

Palavras-chave: ciúme, relacionamento amoroso, Análise do Comportamento.

Sumário

Introdução.....	1
1 – Amor, relacionamentos e ciúme.....	11
1.1 - O amor.....	11
1.2 - Relacionamentos amorosos abertos.....	13
1.3 - O ciúme.....	14
1.4 - O ciúme e a Análise do Comportamento.....	16
Método.....	19
Um resumo da relação Sartre – Beauvoir.....	20
Considerações sobre Sartre e Beauvoir.....	33
Análise e discussão da relação Sartre-Beauvoir a partir da análise do comportamento.....	36
Importância da liberdade no relacionamento.....	36
Mentiras contadas entre eles (no fim da vida) e com outros.....	37
Importância do comportamento da conquista amorosa para Sartre.....	38
Comportamento de igualdade de Beauvoir em relação à Sartre.....	39
A questão do casamento.....	42
O envolvimento com jovens.....	44
Comportamentos revolucionários e relação não convencional.....	45
Comportamento de contar tudo um ao outro.....	46
Relacionamento amoroso apesar do término das relações sexuais.....	47
Comportamento de encontrar, cuidar e sustentar suas ex-namoradas.....	48
Ciúme e não ciúme na relação com outras pessoas.....	50

Conclusão: O ciúme, e o não ciúme, na relação Sartre-Beauvoir.....	51
Considerações finais.....	56
Referências bibliográficas.....	57

Introdução

O ciúme está presente nas relações amorosas há muito tempo, tanto que a psicologia evolutiva o entende como uma emoção filogeneticamente determinada, sendo útil para a espécie na medida em que protege o indivíduo de perder seu parceiro (COSTA, 2005). Sob esta perspectiva o ciúme é visto “como uma resposta adaptativa cuja função seria preservar uma relação diante da ameaça da traição sexual, conseqüentemente necessário às relações” (Costa, *op. cit.*, p. 5).

O ciúme romântico é aquele que se manifesta entre casais (CARVALHO, 2007), e é o mais freqüente entre os tipos de ciúme (LEITE, 2001)

Encontram-se referências ao ciúme já na mitologia grega e também em muitas obras literárias, como em “Otelo” de Willian Shakespeare em que o protagonista, Otelo, é enganado por Iago e, desconfiando de seu melhor amigo e sua amada, acaba por matá-la, o que faz supor que pessoas com ciúme excessivo podem se basear parcialmente na realidade, enxergando-a de forma distorcida (ALMEIDA e RODRIGUES, 2008). Também encontramos referências na literatura brasileira, como é o caso da famosa obra de Machado de Assis, “Dom Casmurro”, em que podemos perceber a influência que a sociedade tem na vivência do sentimento, como afirma Arreguy (2004, p.125):

“A história de Bento Santiago é centralizada sob o foco exclusivo de um narrador personagem que se caracteriza por seu ciúme excessivo, porém controlado, ou melhor, cercado pelas amarras da tradição e das convenções sociais. A mulher amada ali é única e insubstituível e a sexualidade é visivelmente reprimida por uma sociedade moralista.”

A autora aponta em seu artigo uma importante questão sobre o ciúme no caso do livro, que seria a dúvida excessiva. Enquanto o ciúme não é ultrapassado, ele se fundamenta em uma incerteza. Mas nem sempre essa é uma característica fundamental do ciúme.

No “dicionário Aurélio” o significado de ciúme é:

1.Sentimento doloroso que as exigências de um amor inquieto, o desejo de posse da pessoa amada, a suspeita ou a certeza de sua infidelidade , fazem nascer em alguém; zelos. 2. Emulação , competição, rivalidade. 3.Despeito invejoso; inveja. 4. Receio de perder alguma coisa; cuidado, zelo. (Ferreira, 1986, p 414)

Muitas definições são possíveis sobre esse sentimento,. Segundo Almeida e Rodrigues (2008), “as definições são muitas, mas todas têm em comum três elementos: (1) é uma reação frente a uma ameaça percebida, (2) haver um rival real ou imaginário, e (3) a reação visa eliminar os riscos da perda da pessoa amada.”, (p. 85).

Arreguy e Garcia (2002) concordam com o autor, na medida em que defendem que o ciúme será sempre uma reação que necessita de um terceiro, ocorrendo então em um contexto triangular. As autoras relatam ainda pesquisas feitas que mostram que mulheres ciumentas apresentam grande dependência da confirmação amorosa pelo parceiro, demonstrando relações do sentimento com a insegurança. Para Leite (2001) o fator decisivo no ciúme parece ser a perda de atenção do parceiro.

Mas não podemos falar de uma única maneira da vivência de ciúme, pois como indica Nunes (2006) “o indivíduo e as relações que ele estabelece são sempre marcadas pelas características mais amplas do meio social em que vive”. (p.7)

Ao pensarmos numa sociedade contemporânea na proposição de Bauman (2004), que entende que o mundo de hoje é constituído por relações frágeis em que não se busca uma entrega ao parceiro e pela procura de uma quantidade maior de laços que possam ser desfeitos depois de um mero incômodo, coloca-se a questão de como está sendo a vivência do ciúme na sociedade atual.

Para Nunes (2006), apesar de vivermos em uma época em que há uma descrença no amor enquanto um sentimento satisfatório e duradouro, ele continua sendo extremamente procurado pela maioria dos indivíduos como

única possibilidade de realização pessoal, em um contexto em que não há grandes objetivos para se alcançar. Segundo Zortea, Machado e Rodrigues (2008) ao longo da história da humanidade encontrar um parceiro, ter uma vivência com pessoas amadas e as dificuldades e satisfações alcançadas com o amor se apresentaram sempre como um desejo universal.

Silva e Weber (2006) desenvolvem um trabalho que se sustenta na importância de relações amorosas como possíveis geradoras de bem-estar. Entendem que estas implicam na interação de duas pessoas com histórias de vida diferentes, que possuem características não necessariamente condizentes com o seu sexo biológico, e para elas essas relações predizem um *bem-estar psicológico*¹.

Silva (2005) entende que há duas características fundamentais que retratam o amor na literatura:

“1) O amor é tratado como uma espécie de construto reificado – aquele tipo de conceito que ganha vida própria e passa a ser tratado como coisa em si mesma, ou algo que existe além dos limites da própria linguagem que o produz; 2) abordam o amor como algo interno (sentimento) que causa certos comportamentos” (p.359)

Para Silva e Weber (2006), as relações amorosas podem ter influência sobre outras instâncias nas vidas das pessoas, havendo uma associação entre uma relação de qualidade e o bem-estar psicológico, assim como relacionamentos conflituosos podem ter efeitos devastadores, influenciando direta ou indiretamente até em doenças.

Percebemos, assim, que há uma grande necessidade geral de relacionamentos amorosos na vida pessoal dos indivíduos em comparação com outros aspectos, como menciona Giddens (1993), quando fala sobre uma pesquisa em que se constata que apesar de muitas garotas admitirem um trabalho remunerado em sua perspectiva de futuro, somente algumas o encaram

¹ “Bem-estar psicológico” é o termo utilizado pelas autoras.

como uma importante fonte de significado; enquanto ao amor é atribuída uma importância ímpar.

Nunes (2006) em sua pesquisa irá abordar importantes questões sobre o ciúme, como seu desenvolvimento histórico desde a Grécia antiga, a autora discute também sobre os mitos gregos que, segundo ela, demonstram a perspectiva grega sobre o ciúme como sendo “intrínseco a natureza humana, que apresenta sempre o risco de quem sofre se voltar, com ira e violência, contra aqueles que se aventuram a se aproximar do seu objeto de amor” (Nunes, 2006, p.30)

Nunes (2006) aborda ainda muitas diferenças e semelhanças nas vivências de ciúme nos diferentes contextos da história, o que lhe permite concluir que o ciúme é atemporal, porém suas características mudam de acordo com o contexto histórico social em que se situa.

Segundo Torres Ramos-Cerqueira e Dias (2001), no século XIV o ciúme estava relacionado à paixão, devoção e zelo, com a preservação de algo importante, não ligado à possessividade e desconfiança; estava associada à proteção familiar, a honra e à moral nas sociedades monogâmicas. Mesmo nos dias de hoje está ligado algumas vezes a um papel positivo, ligado ao amor e ao cuidado, sendo que existem aqueles que reclamam de sua ausência e tentam até provocá-lo.

Ainda segundo os autores, no século XIX, o ciúme passou a ser visto como um problema das mulheres, relacionado à fraqueza e falta de controle. Nos dias de hoje está mais associado à insegurança e imaturidade. Para Leite (2001) o ciúme é freqüente e inevitável, contudo existem que não o admitem e levanta a hipótese de que isso ocorre por colocá-lo relacionado ao egoísmo.

Torres, Ramos-Cerqueira e Dias (2001) relatam que mais freqüentemente o ciúme gera raiva direcionada ao parceiro e não ao rival. Além disso, gera ansiedade e desconfiança.

Do mesmo modo que mudam as características e concepções acerca do ciúme de acordo com a época, mudam também as relações íntimas. Segundo Giddens (1993):

“O caráter intrinsecamente subversivo da idéia de amor romântico foi durante muito tempo mantido sob controle pela associação do amor com o casamento e com a maternidade; e pela idéia de que o amor verdadeiro uma vez encontrado é para sempre.” (p.58)

Mas, segundo o autor, vivemos em um contexto em que a sexualidade tornou-se um ponto integral das relações sociais e então são aceitas outras formas de relação: “ainda não atingimos um estágio em que a heterossexualidade é aceita como apenas uma preferência entre outras, mas essa é a implicação da socialização da reprodução.” (p. 45)

Sendo assim, na contemporaneidade, em que, segundo Nunes (2006) e Giddens (1993), temos uma emancipação sexual e autonomia femininas, há como consequência novas formas de relacionamentos entre os sexos, com homens e mulheres que devem com grande liberdade escolher seus próprios parceiros, assim como escolher se devem ou não entrar em relacionamentos.

A autora irá dizer que ainda existem ideais românticos em relação ao amor, mas que além deles há uma grande diversidade de relações possíveis. Em um tempo em que é valorizada a pluralidade, também nas relações amorosas deve haver diferentes modelos coexistindo.

Constata, assim, que os casais podem ter, com essa nova relação estabelecida, contatos mais autênticos, já que se pode agir de acordo com seus próprios desejos e sentimentos. Por outro lado, isso também possibilitaria uma maior insegurança dos envolvidos.

Giddens (1993) fala sobre isso com seu conceito de “relacionamento puro”, no qual afirma que o que mantém esse tipo de relacionamento são os benefícios obtidos que justificam a sua continuidade, entendendo com isso que a exclusividade sexual tem papel na relação enquanto os parceiros a desejarem. Esse tipo de relacionamento seria diferente do socialmente estabelecido.

Ele deixa claro também que esse tipo de relacionamento não tem ligação específica com a heterossexualidade. E em uma pesquisa estudada por ele,

chega-se a conclusão de que as mulheres homossexuais, por não terem um relacionamento com regras a priori, consideram difícil experimentar uma sensação de segurança.

O autor entende ainda que para criar um compromisso e criar uma relação conjunta, uma pessoa deve doar-se, proporcionando garantias de que o relacionamento durará por um tempo indefinido. Contudo, no relacionamento puro a confiança será desenvolvida com base na intimidade, e ele tem como característica a possibilidade de término por qualquer uma das partes a qualquer momento.

Para Nunes (2006), como o meio influencia o sujeito, este acaba também em suas relações desenvolvendo uma lógica capitalista, marcada pelo individualismo e materialismo, o que poderia dar origem a uma competição dentro do relacionamento, com ambos os parceiros lutando pelo controle.

Uma de suas razões para abordar o problema do ciúme é a questão da grande ocorrência desse sentimento dentro das relações amorosas. Mas não com o propósito de estudar seus efeitos para os indivíduos que estão sofrendo com ele, mas pensando em um sujeito que interage com o meio social em que vive e, portanto, com o objetivo de estudar o encaixe social desse sentimento nas relações da sociedade atual. Para o presente estudo, além da razão apresentada por Nunes (2006), há também uma outra razão que é a falta de literatura sobre o tema. Segundo Leite (2001), o ciúme aparece como foco principal de um terço dos casais americanos que fazem terapia conjugal, e quase não existem pesquisas nessa área. Ela explica esse fenômeno por quatro variáveis:

- 1) Ser um assunto complexo que envolve personalidade, relacionamento, biologia e cultura, o que não possibilita formulações simples.
- 2) Diminuição recente de censura a pesquisas não-clínicas sobre relacionamentos romântico e sexual.

- 3) O ciúme ser tão freqüente, assim como as “explicações” que são bem aceitas socialmente, o que faz com que seja como pesquisar o óbvio.
- 4) O tema faz surgir questionamentos sobre normalidade e anormalidade psicológica, o que desespera os pesquisadores.

Nunes (2006) estabelece possíveis relações de ciúme com a baixa auto-estima do ciumento, que vê a pessoa amada como alguém melhor que ele. Ou ainda de um desejo de controle e de ser controlado, pela pessoa que sofre de ciúme.

As conclusões de Nunes (2006) foram que com a fragilidade das relações na atualidade, em que “eternidade, segurança e previsibilidade” já não são garantidas, há uma complexa e contraditória gama de sentimentos vividos pelas pessoas, mesclando desejo por uma experiência amorosa duradoura e ao mesmo tempo, fuga da ansiedade que esta poderia causar.

Uma das possíveis conseqüências dessas relações é que podem ser induzidas vivências de ciúme. Estas funcionariam como uma tentativa de controle, em uma situação histórica em que reina a incerteza, em que não são favorecidas relações genuínas e resultariam de uma falta de comunicação aberta e honesta entre os casais, o que seria bastante almejado, mas difícil de ser concretizado.

Entende também que uma decorrência da prática capitalista seria a valorização de aspectos superficiais e uma desvalorização do que os sujeitos entendem como fatores fundamentais para a construção do relacionamento, o que tenderia a aumentar as vivências de ciúme.

Nunes (2006) irá concluir, então, que sua pesquisa foi um passo na direção de compreender o ciúme entendido por ela como “um multifacetado e intrigante fenômeno de insegurança, desamparo e busca pelo controle da vida em comum” (p.127)

Para a Análise do Comportamento, os homens agem sobre o mundo, modificando-o, o que faz com que sejam modificados pelas conseqüências

produzidas. Sendo assim, o comportamento humano depende dele mesmo e o determina. Tudo o que um organismo faz é considerado comportamento, o que a pessoa sente é tão importante quanto o que ela faz, e o mundo privado não tem uma natureza diferente da do mundo exterior. O que a pessoa sente é uma manifestação corporal e não um sentimento propriamente dito (ZORTEA, MACHADO E BORLOTI, 2008). Segundo Silva e Weber (2006),

“a análise do comportamento entende que o que a pessoa sente é um sub-produto do que ela faz. Se você quiser sentir coisas diferentes comporte-se diferente, essa é a regra.” (p.364)

Essa corrente teórica entende que há uma classe de comportamento chamado regras, que tem características especiais. Elas são aprendidas desde a infância e controlam o comportamento do sujeito, sendo também norteadoras das relações estabelecidas entre as pessoas, como os relacionamentos amorosos. Nessa classe entram também os comportamentos como conselhos, instruções, mitos, leis, entre outros, e é determinado por uma história de reforço social. As regras são úteis, pois os indivíduos não precisam passar necessariamente pela contingência para aprender uma regra (Silva e Weber, 2006)

Para Sartre e Beauvoir, os relacionamentos baseados no amor-paixão propiciam sofrimento para os sujeitos na medida em que os levam a abandonar sua singularidade para uma unificação muito prezada por eles (PRETTO, MAHEIRIE e TONELI, 2009). Segundo a concepção de Sartre isso implica em abandono da liberdade e aprisionamento dos parceiros (*op. cit.*).

Pretto, Maheirie e Toneli (2009) dizem então que, segundo Sartre e Beauvoir, o amor exige reconhecimento de liberdade, tanto do outro como de si. O amor existe quando dá ao outro instrumentos para que ele alcance o que deseja, seja por incentivo ou críticas, quando se aprende e se ensina com as diferenças existente entre os parceiros.

Simone de Beauvoir e Jean-Paul Sartre se conheceram em 1929, e tiveram uma relação extremamente forte. Como conta Beauvoir em suas memórias (1982):

“Como teria evoluído se não tivesse encontrado Sartre? Ter-me ia libertado mais cedo ou mais tarde do meu individualismo, do idealismo e do espiritualismo que anda me dominavam? Não sei. O fato é que o encontrei e que esse foi o acontecimento capital de minha existência.” (p. 27)

Segundo Rowley (2006), eles formaram um casal lendário, que estava associado à liberdade; ambos desafiaram as questões sociais e “tinham consciência de que inventavam sua relação enquanto conviviam” (p.10) . Apesar de não terem vivido na contemporaneidade com seus laços frágeis de que nos fala Bauman (2004), eles formaram um casal que influenciou toda uma época e marcou o mundo com um novo modo de se relacionar, foram um protótipo de relacionamento amoroso aberto.

O presente trabalho pretende, baseado na Análise do Comportamento, responder a questão: quais os fatores que levam à instalação do ciúme? Assim como também pretende levantar hipóteses sobre o que poderia fazer com que este sentimento fosse menos freqüente nas relações amorosas. Para isso, buscará desenvolver uma reflexão teórica sobre como isto ocorreu na relação de Jean-Paul Sartre e Simone de Beauvoir. Por dificuldades de acesso direto às cartas que eles trocaram, analisaremos a relação do casal baseados na obra “Tête-a-tête”, de Rowley (2006), em que a autora faz uma biografia dessa relação se baseando em cartas de Sartre e Beauvoir, as publicadas e algumas inéditas. No livro de Rowley (2006), foram utilizadas as cartas de Beauvoir a Sartre, a Nelson Algren, Olga Kosakiewisc e a Jacques-Laurent Bost. Foram consultadas também pela autora muitas cartas a Beauvoir (de Nelson Algren, Olga Kosakiewisc, Nathalie Sorokine, Maurice Merleau-Ponty, Ivan Moffat e Claude Lanzmann, Jacques-Laurent Bost), além de cartas de Bost a Olga, e alguns dos diários de Beauvoir, e de um diário de Sartre. Também cartas de

Sartre a Bianca Bienenfeld, a Olga e a Wanda Kosakiewisc, a Liliane Siegel e a Lena Zonina. A autora se utilizou de entrevistas gravadas de Sartre feitas por seu biógrafo entre novembro de 1970 e novembro de 1973, assim como de Olga e Wanda Kosakiewisc, Michelle Vian, Beauvoir, Arlette Elkaïn Sartre, René Maheu, Claude Lanzmann. Rowley entrevistou Sylvie Le Bon de Beauvoir, Bianca Bienenfeld, Claude e Jacques Lanzmann, Sally Swing, Liliane Siegel, Michelle Vian, entre outros. A autora também se utilizou de obras de Simone de Beauvoir e Jean-Paul Sartre, que também serão analisadas aqui quando possível.

1 – Amor, relacionamentos e ciúme

1.1 - O amor

Costa (1998) analisa autores que classifica como tendo uma visão idealista do amor, como a autora Elisabeth Badinter (1986) que, segundo ele, diz que o amor ideal tem como virtude nos proteger da solidão. No contexto atual, ela diz que é comum preferir que os indivíduos gostem tanto de si próprios a ponto de não precisar que outro lhe faça feliz: damos preferência à liberdade mesmo que para isso deixemos de amar. Para a autora, as relações na contemporaneidade são superficiais e os sentimentos não têm lugar, não ocorrem grandes paixões.

Costa (1998) então critica a autora, perguntando sobre esse tempo do qual ela se mostra saudosa, afinal, conforme discute em sua obra, o amor nunca foi igualitário. Defende que se realmente o desejo amoroso provém de sua impossibilidade de existência, então seria justo tentar se a ter a emoções mais seguras do que se entregar a essa impossibilidade. Entende que existe a possibilidade de que as pessoas venham se entregando menos às paixões não porque têm medo, mas porque concluiu-se que ele não compensa.

Segundo Costa (1998), definir o amor nunca será algo objetivo como a ciência; sempre haverá uma implicação moral. Quando dizemos que o “amor é” estamos também dizendo que devemos ou não amar desse ou daquele jeito:

“As verdades do amor são, portanto, múltiplas. Nenhuma delas pode dizer o que é essencialmente o amor. O que pode acontecer – e de fato acontece- é que elegemos sempre uma ou outra descrição tendo em vista o que julgamos mais desejável para nossas vidas. Isto é, o amor não se impõe a nós por força de sua “intrínseca verdade”, mas pelo valor que atribuímos a um de seus constituintes. É nesse ponto que se inscrevem os debates sobre o valor das paixões do amor.” (Costa, 1998, p.165)

Costa (1998) analisa também autores que considera com uma visão realista do amor, como Hunt (1959), que fala sobre a *era do amor* – segundo Hunt nunca se falou tanto sobre ele. O amor é considerado como condição para ser feliz. O casamento ocidental é uma das relações mais difíceis das que já existiram e também uma das mais ambicionadas

Para Costa (*op. cit.*) ama-se pessoas com quem se tem coisas a ver, como padrões estéticos, econômicos, religião, etc. A paixão é conformista socialmente. A imagem feita do amor é bem mais prosaica do que faz crer o excesso de romantismo.

O autor entende que o amor causa sofrimento, pois não sofremos pelo que não amamos.

Para Bauman (1997) o amor é ambivalente, se esforça para ficar do jeito que é, não mudar. Afirma que ele precisa reafirmar-se a cada dia. Sendo assim o amor é então insegurança. E como a insegurança é desconfortável, as pessoas se utilizam de duas estratégias para fugir delas: fixação e flutuação.

A fixação seria o que Costa (1998), analisando Bauman (1997), entende que é a estratégia utilizada para os mais frágeis. Segundo Bauman (1997) a fixação ocorre quando independentemente das emoções o indivíduo compromete-se a manifestar pelo parceiro interesse, cuidado e responsabilidade. A relação se mantém não pelo amor, mas pelo dever, que o substitui com as consequências práticas iguais e exige menos esforço. A rotina substitui as aventuras. O autor classifica essa rotina com *“uma não-gradabilidade tranquila, uma não-gradabilidade que gera tristeza mas não instiga à ação.”* (Bauman, 1997, p.117)

O autor afirma que sem essa estratégia, o amor continua sendo insegurança, não consegue se realizar. É preciso que se espere a fixação (segurança), porém, quanto mais perto se chega desse ideal de amor, mais o amor (que é insegurança) morre.

A flutuação é o que Costa (1998), ainda analisando Bauman (1997), entende que é a estratégia utilizada pelos que se consideram mais fortes. Para Bauman (*op. cit.*), ela é mais uma fuga do que uma luta contra a insegurança.

Busca-se não investir para não perder tanto, diminuem-se as apostas, assim pode-se fugir mais facilmente. Ambos os parceiros assumem a liberdade de poder sair a qualquer momento, o que faz com que haja uma menor importância ao sentimento do outro, e então se desenvolve essa resistência.

A flutuação funciona como uma prevenção a dor de ser abandonado. Assim o sujeito pode sair sistematicamente das relações para não sofrer o abandono.

Costa (1998) discutindo Bauman (1997) afirma que amor é sempre incerto, ambivalente. É preciso que ocorra um equilíbrio entre responsabilidade e liberdade.

1.2 - Os relacionamentos amorosos abertos

Os relacionamentos amorosos são interações entre duas pessoas com histórias de vidas diferentes e predizem um bem estar psicológico (SILVA & WEBER, 2006).

Pessoas envolvidas em tais relacionamentos buscam uma maior afetividade entre o casal e não uma excitação romântica, e tem como pilar desse relacionamento, possibilidade de negociar, transigir e não se manter rigidamente em um papel, o que subentende uma maturidade do casal e uma conscientização da responsabilidade pela construção e conservação de sua felicidade. Quando uma das partes deixa de perceber a outra como alguém singular, com direitos e privilégios, acarreta consequências negativas para a relação. (SILVA & WEBER, 2006).

Segundo Neves (2007), a concepção de amor da cultura e da sociedade define o que será apropriado e almejado nos relacionamentos do indivíduo. Assim, ele dependerá da temporalidade, período histórico e especificidades da cultura em que está inserido. O amor ocorre quando incorporado em um código social entre indivíduos.

Para Silva e Weber (*op. cit.*) e Giddens (1993) o significado do casamento atualmente é bem diferente do de épocas passadas, o que se deve a uma

mudança no papel da mulher na sociedade e a uma cada vez maior mobilidade na cultura. As mulheres dão cada vez mais importância a uma carreira, embora continuem sendo as principais responsáveis e assumindo responsabilidades pelo cuidado dos filhos e da casa. Mas isso tudo ocorre muito lentamente e ainda se sustenta que o homem tem uma posição superior. (SILVA & WEBER, 2006).

Segundo Neves (*op. cit.*), verifica-se um conflito entre liberdade individual, que exige indivíduos flexíveis, adaptáveis e independentes, e a vida familiar, em que devem cuidar da família, casamento, maternidade ou paternidade, amizade e amor. Esse conflito atingiria principalmente as mulheres, já que, como relatam Weber e Cunha (2006), conflitos em relação a tarefas domésticas ocorrem principalmente entre mães e filhas, sugerindo que as mulheres brasileiras assumem mais tarefas domésticas do que homens.

Neves (2007) afirma que cada gênero tradicionalmente foi submetido a diferentes regras sobre sexualidade e, conseqüentemente, tem vivências de intimidade e sexualidade diferentes.

Segundo Vieira (2008), pode-se verificar que as instituições do casamento e da família estão em crise pela criação de novas formas de conjugalidade, consideradas “póstradicionais”. Uma dessas formas seria o vínculo conjugal aberto, em que não é exigida fidelidade entre o casal, o que significa que relações extraconjugais não propiciariam brigas ou fim do vínculo conjugal.

1.3 - O ciúme

Segundo Torres, Ramos-Cerqueira e Dias (2001) “o ciúme seria um conjunto de pensamentos, emoções e ações desencadeado por alguma ameaça à estabilidade ou qualidade de um relacionamento íntimo valorizado.” (p.399)

Falando do sentimento de ciúme na situação clínica, Leite (2001) aponta que, ao tentarmos ajudar o paciente a superar a frustração, devemos nos

lembrar que muitas vezes um dos parceiros provoca ativamente o ciúme do outro, pois está sendo reforçado positivamente. Outra possibilidade que deve ser levada em consideração na clínica é a de que alguns pacientes relatam uma ética de amor tão altruísta que não pode existir entre duas pessoas que estão realmente envolvidas em um relacionamento amoroso.

Leite (2001) cita uma pesquisa que aponta conclusões como as de que todas as pessoas se referem ao sentimento de ciúme, as pessoas que bebem tem mais disposição ao ciúme, quem está satisfeito com sua relação amorosa tem menos ciúme, a violência por ciúme é mais frequentemente voltada ao parceiro do que ao rival.

Carvalho e Mackenzie (2007) entendem que dois fatores são fundamentais para o ciúme romântico: a auto-imagem do sujeito e suas crenças sobre os relacionamentos amorosos, principalmente nas crenças relacionadas à infidelidade de seu parceiro. Leite (2001) concorda com os autores, relatando que frequentemente uma maior auto-estima faz com que o ciúme diminua.

Teóricos do modelo sócio-cognitivo propõem uma teoria de que homens e mulheres apresentam muitas vezes diferentes reações ao ciúme romântico, por desenvolverem teorias distintas sobre ele. Então, o ciúme romântico seria constituído ao longo da vida, sendo diferente em cada caso em sua manifestação, mas não em sua função sinalizadora, o que resultaria em diferentes crenças determinando as reações que caracterizam esse tipo de ciúme. (CARVALHO & MACKENZIE, 2007)

Carvalho e Mackenzie (2007) mencionam uma pesquisa relacionada ao ciúme romântico em que, subjacente às suas manifestações comportamentais, existem “crenças de controle”, que têm necessidade de ter um controle mínimo do que é realizado pelo parceiro, o local onde se encontra e com quem está. Os pesquisadores concluem que, se não se atinge essa necessidade, são ativadas as crenças de controle e se desencadeiam as reações de ciúme. Essa necessidade de controle do parceiro, assim como as crenças de controle que o sujeito desenvolve, dependem essencialmente dos eventos pelos quais o indivíduo passou ao longo de sua vida e de como os interpretou.

1.4 - O ciúme e a Análise do Comportamento

Segundo Skinner (1991) muitos acreditam erroneamente que os comportamentalistas não admitem possuir sentimentos, isso decorreria de uma excessiva preocupação com a objetividade, segundo a qual é necessário que duas ou mais pessoas concordem para afirmar a veracidade de um fato, e como não conseguimos ver o que se passa dentro da outra pessoa não há como afirmar que existe um sentimento nela, o que portanto faz com que esse fato não possa ser aceito pela ciência.

Para o behaviorismo radical de Skinner essa análise é bastante diferente, pois, entende os sentimentos como respostas verbais a ações sensoriais, assim como ver ou ouvir. Porém, sabemos mais dos órgãos usados para ver e ouvir do que dos órgãos pelos quais sentimos amor, por exemplo, Podemos responder as ações sensórias efetuando uma resposta não mediada pelo outro ou então responder verbalmente. Quando a resposta é verbal elas são produto de contingências diferenciais do reforçamento e como quando se fala de sentimentos aquilo de que é falado está fora do alcance de quem ouve, palavras que definem sentimentos não são ensinadas com tanto sucesso quanto outras.

Skinner (1991) entende que o sentimento não é causa de comportamento, mas sim uma resposta a algum evento que ocorreu anteriormente. Segundo o exemplo do autor não choramos porque estamos tristes, mas essas duas respostas (ficar triste e chorar) decorrem de uma terceira coisa que ocorreu no passado, como a morte de alguém.

Ele diz ainda que a razão que faz com que haja confusão quanto a causalidade dos eventos é que o chorar e o ficar tristes ocorrem ao mesmo tempo, o que facilita seu pareamento.

Ao falar de amor Skinner (1991) irá distinguir três tipos, que se referem a três tipos de contingências: eros, philia e ágape. Eros estaria relacionado ao filogenético, o que foi útil para a sobrevivência da espécie, como amor materno ou sexual. Philia estaria ligado à ontogênese, ao condicionamento operante, são reforçadas a amar pessoas ou obras. O fazer amor erótico pode estar

relacionado também a um condicionamento operante, mas está relacionado à Eros, já que permanece uma conexão genética.

Ágape deriva da evolução cultural, o efeito é sobre o grupo. Quando o sujeito demonstra que está contente com a presença de outra é o comportamento da outra pessoa que é reforçado.

Skinner (1991), analisamos quanto podemos conhecer sobre o que outra pessoa está sentindo, afirma que não seria necessário usar os nomes dos sentimentos (já que eles não são ensinados com tanto sucesso), mas que se pode fazer uso direto dos eventos públicos, por exemplo, dizer “eu teria batido nele”, ao invés de dizer “eu estou com raiva”, ou então descrever uma circunstância que geraria a condição sentida.

Porém falar sobre os sentimentos é útil na medida em que é uma indicação dos eventos passados e da probabilidade de respostas daquele que relata esse sentimento. Assim, se alguém diz que está com sede, podemos inferir que ela está há muito sem beber água e que se ela teria alta probabilidade de tomar água (SKINNER, 1991).

Skinner (1975) fala sobre o ciúme analisando a obra Otelo, em que o personagem descreve que seus comportamentos de ciúme, tanto os públicos como os privados, o autor coloca então que todos eles são partes do comportamento ciumento e nenhum é causa do outro.

O ciúme para a análise do comportamento pode ser definido:

“como um sentimento que emerge em uma situação sinalizadora de possível perda de um estímulo reforçador para outro indivíduo, podendo envolver a emissão de respostas coercitivas que visam evitar esta perda e a produção de conseqüências reforçadoras e/ou punitivas para o comportamento dos indivíduos envolvidos em uma manifestação de ciúme” (Menezes e Castro, 2001, p. 20, apud Costa, 2005, p.9).

Além das características citadas é importante colocar, de acordo com Costa (2005), que esse comportamento pode ser controlado também por

contingências sociais, pois indivíduos que relatam ter menos ciúmes são punidos ou discriminados socialmente.

De acordo com Costa (2005), o ciúme poderia ser entendido como um produto de condicionamento reflexo e operante. Sendo condicionamento reflexo ele explicaria as reações fisiológicas sentidas e o operante as relações destas com o que o sujeito faz, como e porquê.

Segundo a Análise do Comportamento o ciúme é um comportamento e, assim como qualquer outro, é determinado por contingências filogenéticas, ontogenéticas e culturais, e assim, se mantém porque tem um valor de sobrevivência. (COSTA, 2005)

De acordo com Costa (2005; 2009) alguns eventos que estariam envolvidos na instalação e manutenção do ciúme seriam imitação, generalização, punição, regras, reforço positivo e reforço negativo.

O ciúme pode estar ligado a posse de um indivíduo (que atua como uma fonte de reforçadores significativos) para outro, além de poder também estar ligado à competição (COSTA, 2009).

Método:

O presente estudo buscará responder quais os fatores que levam à instalação do ciúme em um relacionamento amoroso e também se é possível uma relação amorosa que se construa sem este sentimento.

Para isso, buscará desenvolver uma reflexão teórica sobre aspectos do relacionamento de Jean-Paul Sartre e Simone de Beauvoir, tido como um protótipo das relações amorosas abertas da atualidade.

O exercício de reflexão que será apresentado a seguir basear-se-á no histórico da relação do casal apresentado no livro *Tête-a-Tête* (Rowley, 2006), e desenvolve-se a partir do referencial teórico da Análise do Comportamento.

Inicialmente, será apresentada uma síntese do relacionamento amoroso do casal, visando expor ao leitor sua evolução e os seus detalhes, uma vez que se os considera importantes para a reflexão posteriormente desenvolvida.

Um resumo da relação Sartre-Beauvoir

O seguinte resumo da trajetória da relação Sartre-Beauvoir foi feito a partir da obra “Tête-à-tête” (ROWLEY, 2006)

Jean-Paul Sartre e Simone de Beauvoir se conheceram em 1929 (ele tinha 24 anos e ela 21), em Paris, por intermédio de um amigo que cortejava Beauvoir e a quem ela correspondia. Todos eles estavam prestando um competitivo exame nacional para licenciatura. Nas primeiras vezes que se viram eles encontravam-se para estudar. O amigo deles não passou na primeira fase e foi embora de Paris com isso, Beauvoir e Sartre acabaram se aproximando. Eram setenta e seis alunos prestando o exame naquele ano e só vinte e três passaram. Sartre ficou em primeiro lugar e Beauvoir em segundo.

Beauvoir partiu de férias para outra região da França com a família e Sartre foi visitá-la. A aproximação dos dois aumentou. Beauvoir escreve em seu diário que não era uma grande paixão, mas era felicidade. Ele a estimulava a ler e pensar, o que a fazia se sentir viva e feliz.

Beauvoir perdeu a virgindade com Sartre nesse mesmo ano. Eles falavam sobre o futuro, mas não em casamento. Beauvoir não podia aspirar a um casamento burguês, pois seus pais não podiam pagar o dote.

O livro de Rowley (2006) mostra Beauvoir ambígua em relação ao casamento: em seu diário de 1927, ela classificava o casamento como “imoral”, por acreditar que as escolhas devem sempre estar sendo feitas, e o casar envolveria não só a pessoa no presente, mas no futuro. Porém, afirma que depois de ter conhecido Sartre sonhava com o grande amor e se via no futuro como mãe, mulher e esposa. Sartre não queria se casar, precisava ser livre, não podia aceitar acabar com sua individualidade.

O casal estabeleceu um acordo: durante dois anos, enquanto ele servisse o exército, ela não começaria a dar aulas (pois isso significaria ser transferida para a província) e ficaria em Paris. Ambos imaginavam que depois se separariam por alguns anos e viriam a se encontrar novamente para ficarem juntos por outros anos, e assim seria sempre, para a relação não cair na rotina.

Segundo Rowley (2006), Beauvoir não compartilhava dos ideais de Sartre, mas sabia que dois anos pareciam bastante tempo e, então, tentou se livrar de seus temores, por considerar que Sartre os taxaria de fraquezas.

Desde o começo, Sartre explicou que não teria um relacionamento monogâmico, nem Beauvoir deveria:

“eles eram (...) o duplo um do outro, e seu relacionamento seguramente duraria vida inteira. Mas não deveriam privar-se do que chamavam “casos contingentes”, ou seja, secundários e mais arbitrários.” (ROWLEY, 2006, P.46)

Durante toda a vida, Beauvoir teve o papel de ouvir as teorias de Sartre e apontar as falhas, e ele passaria a depender muito de sua opinião.

Logo após o estabelecimento do acordo, eles se viam quase diariamente e, quando não se viam, escreviam cartas carinhosas um ao outro, costume que manteriam pelo resto da vida. Segundo Rowley, Sartre

“gostava de gente em volta, do burburinho de vozes ao fundo. Precisava ter uma mulher apaixonada por ele e, e também gostava de sentir-se indispensável a essa mulher, embora pudesse reclamar disso. Mas, contanto que fosse capaz de se sentir amado, era mais feliz quando estava sozinho com sua caneta, seus papéis, seus livros.” (2006, p.53).

Beauvoir preferia não reclamar de indiferença, até por achar que o amava mais do que ele a ela.

Rowley (2006) relata que:

“Sartre não gostava de ciúme. Achava importante que as pessoas controlassem suas paixões, sem se deixar dominar por elas. Do contrário estavam negando sua liberdade, dizia a Beauvoir, sendo reativas e não ativas.” (p.57).

Certa ocasião, Sartre disse que a emoção mais desagradável que tivera fora aquela que é descrita na maioria das vezes como ciúme, mas, em uma discussão com a mulher pela qual sentiu ciúme, percebeu que este sentimento era possessividade e então decidiu que nunca mais seria ciumento.

Ele entendia que as pessoas não deviam usar suas emoções como desculpas e, por essa razão, Beauvoir tentaria a vida inteira não ter ciúme. Eles continuaram tendo relações amorosas com outras pessoas ao longo de suas vidas.

Durante a vigência do acordo, Beauvoir continuou vendo Maheu, o amigo por quem ela estava apaixonada quando conheceu Sartre, mas ele não aceitou o seu caso com Sartre quando ficou sabendo do acordo. Logo depois ela se envolveu com outro homem, mas foi um caso passageiro.

Passados os dois anos do acordo, ambos foram para o magistério. Sartre para Havre e Beauvoir para Marselha, cidades muito distantes (cerca de 800km de distância). Não sabiam o que fazer e Sartre sugeriu casamento. Assim, argumentava ele, seriam transferidos para um mesmo lugar como uma formalidade. Ele acreditava que não deviam se martirizar por um ideal. Beauvoir decidiu não se casar, pois sabia o que isso representava para Sartre e não queria que ele fizesse essa renúncia. Portanto, ao invés do casamento, decidiram tornar vitalício o acordo de dois anos. Beauvoir aceitou bem a idéia de não terem filhos: eram escritores e precisavam de liberdade e tempo, justificava ela.

Beauvoir foi para Marselha, onde se sentia muito sozinha. Mais tarde, ela disse esse ter sido o ano mais infeliz de sua vida. Sentia-se insegura quanto a Sartre, queria estar com ele.

Segundo Rowley (2006), Sartre era considerado um homem feio por muitos: era baixo e tinha vergonha de seu corpo. Isto o levou a ter obstinação de conquistar mulheres com suas palavras. O que mais gostava era a conquista, embora depois não soubesse o que fazer com a mulher conquistada. Considerava a beleza uma qualidade essencial para que uma pessoa se tornasse sua amiga.

Beauvoir e Sartre tinham um pacto de contar tudo da vida deles um para o outro, e faziam isso em detalhes até em relação à intimidade deles com outras pessoas.

Em 1933, Sartre foi morar em Berlim para estudar fenomenologia e lá teve um relacionamento amoroso com uma francesa, algo que Beauvoir enfrentou com dificuldade. Nesse ano, Beauvoir morava em Rouen e conheceu uma aluna, Olga, de 17 anos, de quem ficou muito próxima. Beauvoir chegou a declarar para Olga que ela que era uma das duas pessoas no mundo que lhe importavam. Olga não passou em medicina e seus pais exigiram que ela voltasse para sua cidade. Em virtude disso, Sartre e Beauvoir foram pedir para eles deixarem Olga ficar em Paris, prometendo que a sustentariam. Sartre, Beauvoir e Olga formavam um triângulo amoroso, apesar de Sartre e Olga não manterem relacionamentos sexuais. No início, Beauvoir gostava muito disso, sentia-se rejuvenescida, depois foi se sentindo sufocada. Sartre tinha sentimentos fortes por Olga. Nunca se sentira tão desarmado frente a alguém como com ela, que era uma obsessão para ele. Olga dizia que não estava apaixonada por Sartre.

A certa altura, Olga começou a sair com outro homem e Sartre manifestava muito ciúme. Segundo Rowley (2006), cabia a Beauvoir acalmá-lo. Olga então começou a se relacionar seriamente com outro rapaz, o que fez Sartre se desesperar, já que ele nunca havia sentido um ciúme tão feroz.

Começou a ter relações com a irmã de Olga, Wanda, enquanto Beauvoir estava muito doente. Anos depois Sartre disse que ficou com muito ciúme de Olga, e ele então precisava ter uma relação com sua irmã, que era muito parecida com ela.

Durante sua relação com Wanda, Sartre mostrava-se bastante apaixonado por Beauvoir, dizia-lhe que tinha necessidade dela.

Nessa época, Beauvoir começou uma relação com Bost, o companheiro de Olga, sem que ela soubesse. Mesmo sendo grandes amigas, elas já não eram mais amantes. Beauvoir e Bost tiveram uma relação bastante intensa que durou muitos anos, com seus altos e baixos. Beauvoir escreveu um romance, “A

Convidada”, em que muito da trama se baseava na vida real. Havia personagens baseados nela, em Olga, Sartre e Bost. Olga sabia da semelhança, pois contava sua história inclusive com diálogos que ocorreram na vida real, mas Beauvoir e Bost diriam que a relação sexual deles só ocorria na ficção.

Enquanto estava com Bost, Beauvoir também tinha uma relação ardente com Bianca, uma jovem de dezoito anos. Logo depois, Sartre também começou a ter relações sexuais com Bianca, iniciando-se mais um triângulo amoroso e sexual. Depois disso, Beauvoir começou a reclamar da menina.

Sartre tinha passado dois anos cortejando Wanda quando eles começaram a ter relações sexuais. Nesse começo, tinham uma vida sexual bastante ativa e Sartre lhe dizia que ele e Beauvoir eram apenas amigos, o que irritava Beauvoir. Como resposta, esta escreveu a Bost dizendo que ainda tinha relação física com Sartre, mas era um relacionamento muito pequeno e caracterizado pela ternura. Além disso, disse a Bost que considerava que sua única vida sensual era com ele, que era sua vida.

Em 1939, os homens foram convocados para a guerra e Beauvoir estava bastante triste. Além de eles irem embora, Bost dava a entender que só seu relacionamento com Olga era sério e Sartre estava obcecado por Wanda.

Antes de partir, Sartre escreveu a Bianca dizendo que voltaria para ela. Despediu-se de Wanda dizendo para escreverem um ao outro todos os dias, mas passou suas últimas horas com Beauvoir.

Na guerra, Sartre escrevia a Beauvoir afirmando que ela não era a coisa mais importante de sua vida, mas era mais do que isso: eles eram um. Trocaram cartas muito carinhosas durante este período: ela dizia que nunca tinha se sentido tão fundida a ele, e ele escrevia que nunca a amara tanto como nos últimos dias.

Beauvoir não sabia se era bissexual, apesar de gostar de sexo com mulheres jovens e bonitas, normalmente suas alunas. Ela escrevia a Sartre sobre mulheres com tom ambivalente, muito parecido com o dele. Escreveu-lhe sobre um dia com Bianca, dizendo que até que se sentia como se fosse ele

nessas ocasiões. Em janeiro de 1940, Beauvoir e uma aluna, Nathalie Sorokine, começaram a ter um caso sério. Ela se dizia apaixonada pelo corpo da menina.

Quando Sartre teve enfim licença e foi para casa, ficou os primeiros dias com Beauvoir, sem contar a Wanda. Depois foi vê-la e disse que ficaria os últimos dias com Beauvoir. Esta não ligou, mas, quando encontrou os dois juntos, Sartre demonstrava claramente seus sentimentos por Wanda, o que a deixou triste.

Nessa ocasião, perceberam que a atração física entre eles estava diminuindo. No entanto, Sartre não queria que Beauvoir entendesse isso como uma diminuição de seu amor por ela.

Beauvoir estava muito apaixonada por Bost. Escreveu para Sartre dizendo-lhe que sabia que Bost faria parte de seu futuro, de uma forma quase essencial. Segundo Rowley (2006), *“... ela estava esquecendo as regras. Os seus casos “contingentes” não deviam se tornar essenciais.”* (p.137)

Em certa ocasião, Wanda ficou sabendo que Sartre manteve um caso enquanto estava envolvido com ela, embora lhe tivesse mentido, afirmando não estar com nenhuma outra. Ela ficou com muita raiva e ele se desculpou com muitas cartas, dizendo em uma delas que passaria por cima de todos, até de Beauvoir, para ficar bem com ela. Sartre contou isso a Beauvoir, que ficou cinco dias sem dar notícias. Ele lhe pediu muitas desculpas, dizendo que com ela era completamente honesto. Ela, então, o desculpou.

Afirmando para Beauvoir que a relação deles era muito importante, Sartre prometeu-lhe que não teria mais casos por um tempo, já que Wanda era suficiente como uma relação que se caracterizava como conjugal. Ele então rompeu com Bianca Bienenfeld, que sofreu muito, e relatava sua raiva a Beauvoir. Ela sentia-se culpada pelo modo como ela e Sartre tratavam as pessoas, pois achava que não podiam fazê-las sofrer tanto.

Enquanto Bost esteve na guerra, Olga teve um caso e Beauvoir se perguntou se devia contar a ele ou não. Sartre lhe desaconselhou, já que, segundo ele, Beauvoir não poderia substituí-la, pois tinha a ele e não podia ter duas relações absolutas concomitantemente.

Numa ocasião, quando Sartre ainda estava na guerra, Wanda ficou doente e pediu que ele fosse vê-la. Como não podia ser liberado sem motivo, decidiu-se casar com ela para obter três dias de licença. Sabia que Beauvoir não iria gostar disso, assim como ele também não gostava, mas, afirmou para Wanda, ela era toda a sua vida e faria tudo por ela.

Esteve na guerra ainda por um tempo e dizia que não estava infeliz, mas precisava de Beauvoir para voltar a encontrar a felicidade e a si mesmo. Ela também dizia que não estava infeliz, mas que sua vida era Sartre e esperava por ele. Ficaram onze meses sem se ver e, quando se encontraram, pois Sartre conseguira ser dispensado da guerra, ele estava muito diferente. Beauvoir sentia que mesmo anos depois daquele dia ainda falavam línguas diferentes.

Sartre formou um grupo de resistência e seguiu muito apaixonado por Wanda. Beauvoir não gostava dela, quase não a cita em suas memórias.

Em 1941, a relação sexual entre Sartre e Beauvoir terminou. Ela racionalizava que para os homens o hábito matava o desejo: “... *quando Sartre voltou da guerra, Simone de Beauvoir tinha 33 anos, e teve que aceitar de uma vez por todas que o homem que ela mais amava já não a desejava.*” (ROWLEY, 2006, p.159) O relacionamento sexual era escasso e não muito intenso havia muito tempo, e eles discutiam que isso era por Sartre ter vergonha de seu próprio corpo. Posteriormente, Beauvoir afirmaria que aquilo que tinham era mais uma grande amizade do que amor.

Mais tarde, Sartre relatou que sempre gostou de ficar nu na cama com uma mulher, abraçando-a e beijando-a, mas que nunca tinha grande prazer no ato sexual.

Beauvoir se sentia mal, pois ela não podia ser assumida publicamente nem por Bost, que tinha Olga, e nem por Sartre, que tinha Wanda.

Nessa época, Beauvoir e Sartre sustentavam Wanda e Olga, e ajudavam financeiramente Bost e Sorokine.

Três anos após o casamento, Wanda começou a ter um caso com outro homem. Embora não tenha durado muito tempo, Sartre ficou magoado e eles então se separaram. Apesar disso, ele a sustentou por toda a vida. Sartre

manteve encontros semanais com Wanda e todo ano passavam um tempo das férias juntos. Ela teve muitos outros amantes, mas continuou sentindo ciúme de Sartre, especialmente com Beauvoir.

No começo de 1945, ele foi aos EUA e se apaixonou por uma americana, Dolores Vanetti. Nessa época, Beauvoir teve um caso com Maheu, o velho amigo por quem fora apaixonada.

Sartre voltou a Paris em maio de 1945. Nesse ano ele completou quarenta anos, demitiu-se do emprego do magistério e não escreveu muito. Encerrou seu relacionamento com Vanetti, pois ela não conseguia aceitar a relação dele com Beauvoir. Nesse ínterim, Bost teve um caso com Vanetti e se apaixonou um pouco por ela, o que fez Beauvoir ficar arrasada.

De repente, Beauvoir e Sartre ficaram famosos, seus livros estavam sendo publicados e na rua todos os reconheciam, e mais, os reconheciam como o casal Sartre-Beauvoir, embora o relacionamento deles na época já fosse precário. Anos depois, Beauvoir afirmou que Vanetti foi o caso de Sartre mais difícil de aceitar. Ele estava muito apaixonado, todos sabiam.

Embora fossem amantes, Beauvoir e Bost não eram mais tão íntimos. Ele achava que não havia lugar para si na vida dela, já que Sartre era o mais importante.

Em um ensaio que descrevia Sartre, Beauvoir afirma que ele não se acorrentava a nada, não era casado, não tinha nenhum bem, não precisava de ninguém. Contrariando esta afirmação, logo depois Sartre voltou aos Estados Unidos e pediu Vanetti em casamento. Como ela era casada e aguardava o divórcio, decidiram esperar para decidir o que fariam. Sartre contou a Beauvoir, dizia-lhe em suas cartas que estava morrendo de vontade de voltar para Paris. Quando retornou, comentava sobre Vanetti e Beauvoir lhe perguntou quem era a mais importante das duas. Ele respondeu que Vanetti era importantíssima, mas que ele estava com Beauvoir. Ela sentiu que não podia pedir mais que isso, mas ficou visivelmente chateada. Contando sobre o passado de Beauvoir quando estava mais velha, Rowley escreve:

“Em 1946, a paixão de Sartre por Vanetti deixava Beauvoir temendo estar prestes a ser substituída. Desde então, ela e Sartre haviam mais que nunca seguido cada qual seu caminho. De fato, eles reinventaram sua parceria. Ela podia olhar retrospectivamente para a vida que tiveram juntos com uma gratificante sensação de realização.”
(2006, p.290)

No começo de 1947, Beauvoir foi pela primeira vez aos EUA, enquanto Vanetti fazia o caminho contrário e estava indo morar com Sartre. Quando Beauvoir se preparava para voltar a Paris, com medoso silêncio de Sartre sobre Vanetti, pediu-lhe para ficarem juntos por quinze dias. Embora Sartre tenha consentido, pediu-lhe para adiar a sua volta, pois, segundo ele, estava difícil com Vanetti. Beauvoir chorou o dia inteiro e ficou carente. Pensou em quem poderia encontrar e decidiu ir ver Nelson Algren, um homem que conhecera no começo de sua viagem, cerca de três meses antes, em Chicago, e com ele teve um caso apaixonado.

Quando a Paris, Sartre a recebeu com frieza e afirmou que talvez se casasse com Vanetti, já que ela não aceitava continuar com ele de outro modo. Beauvoir chorou muito e decidiu ir para o campo. Nas duas primeiras semanas, Sartre ia visitá-la e dividia seu tempo entre ela e Vanetti. Depois, voltou a Paris. Beauvoir ficou dois meses no campo indo às vezes a Paris. Foi um tempo de muito sofrimento e ela sentia saudades de Algren. Eles escreviam muito um para o outro, mas ela quase não falava de Sartre e tampouco de Vanetti.

Em julho de 1947, Vanetti voltou à América e disse que não retornaria mais ou voltaria para ficar. Sartre estava indeciso.

Beauvoir voltou a Chicago em setembro e Algren a pediu em casamento, mas ela respondeu que não conseguiria viver na América.

Nessa época, Sartre conheceu uma nova mulher, Sally Swing. Beauvoir mostrou-se aliviada por ele já não ser mais fiel a Vanetti.

Em maio de 1948, Vanetti voltaria para Paris e Beauvoir à América, para ver Algren. Na última hora Vanetti desistiu e Beauvoir, então, com a possibilidade de ficar com Sartre, decidiu diminuir sua viagem de quatro para

dois meses. Ela só contou a Algren no meio da viagem e este reagiu mal, dizendo-lhe que não podia amá-la desse jeito. Ela chorou muito. Algren declarou que queria se casar com ela, e Beauvoir pensou se estava destruindo a maior paixão de sua vida. Depois de um período de incerteza, eles continuaram trocando cartas de amor.

Algren foi vê-la um tempo depois, quando Sartre viajava com Vanetti. Antes disso, porém, Sartre estava saindo bastante com Michelle Vian, mulher de um amigo, Boris, que a traía e a aconselhava a também ter outros casos. Quando voltou da viagem, Sartre começou a ter um caso com Michelle, gostava dela, queria fazê-la feliz. Ela engravidou dele e, como não queriam o bebê, ela fez um aborto. Por estar apaixonado por Michelle, Sartre rompeu com Vanetti em 1950, embora ela quisesse se casar com ele.

Enquanto isso, o relacionamento de Beauvoir com Algren começa a esfriar, pois ele estava cansado de suas chegadas e partidas. Beauvoir se perguntava o que estava fazendo nos Estados Unidos e escrevia para Sartre que sua felicidade era com ele, contando as horas para voltar a Paris.

Assim que iniciou seu relacionamento com Algren, Beauvoir parou de dormir com Bost. Ele ficou com ciúme, mas aceitou e continuaram sempre muito amigos.

No começo de 1951 Sartre havia mudado, trabalhava muito, sempre com estimulantes. Ele e Beauvoir estavam distantes. Beauvoir tornou a ver Algren em setembro, mas não mantinham mais relacionamentos físicos, apesar de ele declarar que o que sentia por ela não era amizade.

Beauvoir estava triste por pensar que sua vida amorosa acabara. Tinha 44 anos e se sentia idosa. Chorou após ter sido convidada para sair pelo jovem Claude Lanzmann, amigo do secretário de Sartre. Eles iniciaram um caso e após pouco tempo começaram a viver juntos, o que durou sete anos. Beauvoir o amava muito, mas o incentivava a sair com outras mulheres, o que ele acatava. Claude também era muito próximo de Sartre e lhe contou posteriormente que se sentia cúmplice dele, pois suas mulheres, Wanda e Michelle, eram ciumentas e

não sabiam quase nada uma da outra. Sartre falava com elas todas as noites por telefone e muitas vezes partes inteiras das conversas eram iguais.

Claude tinha uma irmã, Evelyne, com quem Sartre teve um caso. Beauvoir disse anos depois que ela foi uma das mulheres a quem Sartre foi mais ligado. Com ela, Sartre era muito ciumento e ficava muito ansioso quando não recebia notícias da mesma. Ela sabia das outras mulheres de Sartre e também que não podiam saber dela, mas Sartre lhe dizia que não mantinha mais relações sexuais com as outras. Ficaram juntos por três anos, até Evelyne se cansar de ser um caso escondido e encontrar outro homem para se relacionar. Eles continuariam a se encontrar três vezes por semana depois disso, e ele a sustentaria a partir de então.

Quando questionado sobre como conseguia viver com tantas mentiras que contava a suas mulheres, Sartre respondia que tinha que recorrer a um código moral temporário.

Em 1956, recebeu uma carta de uma menina de 19 anos, Arlette Elkaïn, que queria discutir fenomenologia. Eles se encontravam para estas discussões por duas horas semanais. Foram amantes por dois ou três meses e ele encerrou o caso por ter sentimentos paternos com relação a ela. Nunca a apresentou aos membros da “família”, como chamava seu grupo de amigos próximos, que incluíam Wanda e Michelle.

Às vezes, Beauvoir e Sartre viajavam juntos, cada um com seu parceiro. Adquiriram o hábito de viajar juntos para Roma dois meses por ano, algo que manteriam para sempre.

Em meados de 1956, Sartre trabalhava muito e usava muitos estimulantes, além de beber frequentemente. Ficava alterado muitas vezes e trocava palavras. Beauvoir tentava controlá-lo e impedir que bebesse, mas suas outras mulheres lhe forneciam bebida escondido dela. Posteriormente, numa entrevista, Sartre afirmou que mentia para suas mulheres, especialmente para Beauvoir, algo que a deixou muito chateada, já que por tanto tempo ele insistiu na importância de ser honesto com ela.

Em 1958, Sartre descobriu que Michelle lhe fora infiel durante os nove anos de relacionamento e ficou furioso, apesar de ele também ter sido infiel com ela. O casal ainda voltou a se relacionar sexualmente depois disso, mas ela sabia que Sartre não lhe daria muito de seu tempo.

Lanzmann se apaixonou por outra e Beauvoir, apesar de ter sido muito afetada, tentou convencê-los a dividirem o relacionamento, mas a outra mulher não conseguiu. Depois de seis meses, Lanzmann acabou o relacionamento com a nova moça e se tornou um amigo próximo de Beauvoir.

Depois de oito anos sem ver Algren, Beauvoir e ele se reencontraram. Ao que parece, mantiveram relações sexuais, mas ela foi viajar com Sartre e o deixou novamente. Ela escrevia-lhe dizendo que o amava mais do que todas as outras vezes, mas Algren foi embora de Paris sem lhe deixar nenhuma carta.

Beauvoir veio ao Brasil com Sartre e este começou a sair com uma brasileira. Foi embora afirmando que talvez se casasse com ela.

Depois disso, se apaixonou por uma russa, Lena Zonina, sua intérprete quando ele foi para a União Soviética. Ele declarou-se para ela, afirmando que Lena o fazia feliz. Disse, ainda, que só havia duas pessoas de quem ele gostava de verdade, dela e de Beauvoir. Foram amantes de 1962 a 1966. Sartre dizia a ela que não haveria mais nenhuma nova mulher enquanto estivessem juntos. Lena foi a mulher de Sartre de que Beauvoir mais gostou. Sartre propôs-lhe casamento também, para que ela pudesse ir viver com ele e sair da União Soviética, mas Lena não sabia se podia deixar tudo para trás. Mais tarde, respondeu que a relação deles não dependia só dos dois, pois havia Beauvoir, e que ambos (Sartre e Beauvoir) tinham criado uma relação muito poderosa e perigosa para os que se aproximavam deles.

Enquanto isso, Beauvoir encarava a velhice. Em um de seus contos de ficção, em que os personagens são claramente inspirados nela, Sartre e Zonina, a personagem mais velha tinha ciúme da jovem e ficava muito triste porque os outros dois personagens faziam planos sem consultá-la.

Sartre resolveu fazer seu testamento e deixar tudo para Arlette Elkaïm, por ser a mais jovem da “família” e não parecer tão interessada em dinheiro. Ele

discutiu isso com suas mulheres, sempre dizendo que não faria nada se esta a quem ele falava não concordasse. Nenhuma delas concordou, mas, mesmo assim, Sartre reconheceu Arlette como filha, para permitir que herdasse seus bens. Wanda, Michelle, Evelyne e Liliane (que nunca foi sua amante, mas a quem ele psicoanalisava) ficaram com muita raiva.

Em suas memórias, “A força das coisas” e “A força da idade”, Beauvoir comenta abertamente de sua vida e dos que a rodeavam, tornando pública sua relação com Sartre. Wanda ficou com muita raiva depois de lê-las. Algren também, chegando a responder-lhe publicamente. Tanto Wanda quanto Algren relataram que a odiavam.

Em 1960, uma jovem, Sylvie Le Bom, escreveu a Beauvoir admirada. Elas então saíram para jantar e se viam de vez em quando, se aproximando bastante em 1963. Sylvie afirmou que ela e Beauvoir mantinham uma relação carnal, mas não sexual. Assim como Beauvoir, Sylvie contornava as perguntas dizendo que não eram um casal, pois Beauvoir a encorajava a ter relações com outras pessoas. Em suas memórias, Beauvoir fala que estava errada ao achar que depois de 1962 nada de importante ocorreria consigo. Conheceu Sylvie mais proximamente e ficaram entrelaçadas na vida uma da outra.

Sartre permaneceu dividindo o seu tempo entre as mulheres. Mantinha um tempo pré-definido na semana para cada uma:

“ele afirmava odiar as cenas de ciúmes a que vivia sendo submetido, mas fazia mais do que a maioria dos homens para provocá-las. Suas mulheres todas moravam a dez minutos de sua casa. Elas raramente se viam, e nenhuma delas sabia a verdade sobre a vida dele.” (ROWLEY, 2006, p. 362)

Por outro lado, Beauvoir gostava de dividir suas companheiras com ele. Os triângulos amorosos em que se envolveram foram formados a partir de suas relações prévias com outras mulheres, e também houve uma “*uma espécie de encontro sexual entre Le Bom e Sartre em Roma, em 1968.*” (ROWLEY, 2006, p. 380)

Le Bom e Beauvoir passavam cinco semanas por ano viajando. Depois, começaram a viajar juntas para Roma, quando Sartre ia com Beauvoir, e os três passavam bastante tempo juntos. Beauvoir a encorajava a ter amantes, o que ela achava difícil. Foi assim inclusive que ela tcomeçou um caso com Bost.

Aos 68 anos Sartre parou de visitar suas mulheres. Elas é que passaram a visitá-lo. Ele estava quase cego e não conseguia andar direito. Em 1974, quase nada o interessava, não conseguia mais conversar durante muito tempo.

Em 1975, afirmou em entrevista que Beauvoir era sua única sorte. Aos setenta anos, era sua declaração de amor a ela.

Sua última mulher foi Hélène, de vinte e poucos anos. Ficou com ela por cinco anos, até 1977, e depois continuaram sendo amigos.

Poucos anos antes de falecer, Sartre co-assinou um artigo em que apresentava posições bastante diferentes das até então sustentadas. Beauvoir tentou tirá-lo da mídia, mas ele não deixou, ficando do lado dos amigos que queriam publicá-lo.

Há muito tempo muito doente, Sartre foi para a UTI no início de abril de 1980. Um dia, ofereceu a Beauvoir a boca para ser beijado, o que ele não faria normalmente. Era sua despedida e, um dia depois, 15 de abril, ele faleceu. Sua morte foi muito difícil para Beauvoir, que se apoiou em Sylvie Le Bom, a quem ela adotou. Beauvoir escreveu ainda um livro sobre a morte de Sartre, “A cerimônia do adeus”, e morreu em 14 de abril de 1986.

Considerações sobre Sartre e Beauvoir

Como iremos analisar a relação de Sartre e Beauvoir a partir da obra de Rowley, consideramos importante que fosse colocadas aqui algumas visões que a obra possibilita, além de comentários da própria autora, já que sua visão pode ter influenciado muito na história contada.

Segundo Rowley (2006), Jean-Paul Sartre e Simone de Beauvoir foram um casal lendário. Além disso, são famosos como livre-pensadores; são

associados à liberdade. No começo, pensavam em uma liberdade individual, mas depois da Segunda Guerra se tornaram pensadores engajados e sua liberdade acarretava responsabilidade.

Ambos têm um grande número de obras escritas. Ela escreveu quatro livros de memórias, além de livros de suas viagens e romances autobiográficos em que não falava abertamente de si, mas os personagens criados reproduziam sua vida real. Quando escrevia sobre ela, era de Sartre também que falava. (ROWLEY, 2006)

Eles acreditavam que eram a soma de suas ações, e queriam viver intensamente. Desdenhavam do convencionalismo e sabiam que estavam criando a sua relação, e não a reproduzindo. Nunca casaram ou viveram juntos. Seu relacionamento sempre foi aberto: saíam com outros publicamente, mas tinham um acordo de que seu relacionamento era “absoluto” e os outros “contingentes”. Assim, o relacionamento deles era o mais importante da vida de ambos. Além disso, precisavam contar tudo um ao outro e com detalhes. Tinham liberdade ao mesmo tempo que estabilidade; compromisso ao mesmo tempo que diferentes relacionamentos amorosos.

Segundo Rowley (*op. cit.*), eles influenciaram inúmeros jovens quanto às relações amorosas abertas nas décadas de 1960 e 1970, depois que as memórias de Beauvoir começaram a ser publicadas.

Em 1976, em entrevista a Rowley, Beauvoir diz que não havia ciúme entre ela e Sartre. Nessa entrevista, Rowley afirma ter percebido que Beauvoir não conseguia separar a realidade do mito em que sua vida se transformara.

Ambos eram escritores e gostavam de narrar suas vidas. Mesmo em suas cartas, esperavam falar ao mundo, queriam que elas ficassem para a posteridade; diziam não querer segredos, queriam transmitir a verdade aos seus leitores, e o que lhes impedia de falar mais abertamente de sua vida sexual eram os outros envolvidos.

Com a leitura de suas cartas, percebemos que Sartre mentia muito para suas namoradas. E também que, segundo Rowley (*op. cit.*), eles eram mais cruéis e vulneráveis do que pareciam ao público.

Segundo a autora, pode-se ou não considerar esta uma grande história de amor, mas com certeza foi uma grande história.

Análise e discussão da relação Sartre-Beauvoir a partir da Análise do Comportamento

Serão discutidos aqui, separadamente, alguns aspectos da relação de Sartre e Beauvoir, assim como da relação deles com outras pessoas.

Importância da liberdade no relacionamento

“Não podemos escolher um gênero de vida no qual não haja controle. Podemos tão-só mudar as condições controladoras”

Skinner

Segundo Ribeiro (2006), a filosofia behaviorista radical diz que todos os comportamentos são controlados por variáveis em relação com o sujeito que se comporta. Assim estes são determinados por variáveis genéticas ou ambientais, podendo ser controlados pelas duas ao mesmo tempo, e essas variáveis podem ser atuais e/ou históricas. Esse controle não é necessariamente exercido de forma intencional.

As variáveis que podem exercer influência no comportamento são inúmeras. Por isso é que comportamentos com menor probabilidade de ocorrer ainda são possíveis de serem emitidos.

De acordo com Ribeiro (*op. cit.*), o entendimento do conceito de liberdade para o behaviorismo se apóia na noção de controle positivo, em que o indivíduo não sente necessidade de se livrar de um estímulo aversivo, e também a uma maior quantidade de alternativas, mas isso não deve ser confundido com livre-arbítrio, pois o desejo é determinado por variáveis.

Sendo assim, na relação do casal em questão eles se sentiam mais livres por não haver uma obrigatoriedade de escolher um ao outro para uma relação íntima todo o tempo, bem como não havia uma punição efetuada por eles para o comportamento de estar com outra pessoa. Além disso, esse sentimento estava também relacionado a uma maior quantidade de alternativas, isto é, eles não

precisavam ficar necessariamente com uma única pessoa em seus relacionamentos amorosos.

A preferência por escolha livre em comparação com a escolha forçada foi relatada por Fava e Abreu-Rodrigues (2007), que descrevem um experimento feito por Catania, Souza e Ono (2005) em que pombos tinham que responder em duas condições: escolha forçada, em que havia só um esquema de reforçamento que era o de intervalo fixo de 20 segundos, e escolha livre, em que havia uma oportunidade a mais de escolha, intervalo fixo de 20 segundos ou de intervalo fixo de 40 segundos, e foi constatado que os sujeitos escolheram a alternativa de escolha livre. Portanto, houve mais respostas quando puderam escolher a cada tentativa.

Na relação de Sartre e Beauvoir, podemos entender que há uma escolha livre, pois eles optaram por poder escolher a cada tentativa: Não era certo que eles estariam em todos os momentos de relação amorosa um com o outro. Eles optavam por intervalos em que estavam um com o outro ou que estavam com outros parceiros, o que seria explicado pelo mesmo princípio do experimento citado acima.

Mentiras contadas entre eles (no fim da vida) e com outros

Segundo Sidman (2003), coerção é o que ocorre quando o comportamento é controlado por reforço negativo ou punição (a punição é o que produz reforço negativo ou o que termina com reforço positivo). O reforçamento é definido por seguir uma ação e por alterar sua probabilidade de ocorrência: se um evento é reforçador significa que ele aumenta a probabilidade de que o comportamento volte a acontecer. Coerção é um evento que tem seus efeitos colaterais, como fuga e esquiva.

A mentira pode ser entendida pelos conceitos de fuga e esquiva. Segundo Brandão et al. (2006), esquiva seria o comportamento de emitir uma resposta que previne ou evita um estímulo aversivo, e fuga seria a emissão de

uma resposta que suspende o estímulo aversivo. Ambos são reforços negativos, pois eliminam ou evitam situações aversivas. Segundo Sidman (*op. cit.*), as situações aversivas aumentam a probabilidade de ações que façam com que elas terminem.

Poderíamos entender o comportamento de mentir como fuga quando, por exemplo, Sartre, percebendo que Michelle (sua parceira) estava brava por ter lido um artigo dizendo que ele estava com Zonina em uma de suas viagens, responde com uma mentira, dizendo que o jornal se confundiu e que Zonina estivera naquele mesmo lugar, mas no ano anterior.

Ele visa com essa resposta eliminar um estímulo aversivo que é a briga de Michelle, sendo esse comportamento classificado como fuga.

Em outro caso poderíamos classificar o comportamento de Sartre como esquiva como, por exemplo, quando mais velho e doente escondia garrafas de bebida de Beauvoir para que ela não soubesse que ele bebia.

Segundo Brandão et al. (2006), a esquiva ocorre devido a uma situação que acompanhou o estímulo aversivo anteriormente. Assim, Sartre provavelmente escondia a bebida de Beauvoir, por ela ter, em algum momento anterior, demonstrado a sua insatisfação com o comportamento dele de ingerir bebidas alcoólicas.

Assim, o comportamento de mentir de Sartre pode ser explicado pelos conceitos explicitados acima baseados em Sidman (2003) e Brandão et al. (2006).

Importância do comportamento da conquista amorosa para Sartre

Sartre é descrito em muitos contextos do livro de Rowley (2006) como sendo uma pessoa feia, e a autora atribui a importância que ele dava à sedução de mulheres bonitas à consciência que ele tinha da própria feiúra. Relata que o que ele mais gostava na relação amorosa era da conquista.

Segundo a autora, o próprio Sartre aprendeu a conquistar as pessoas desde criança com as palavras. Ele tinha como hipótese ser importante para ele seduzir tantas mulheres devido a seu padrasto lhe ter dito a ele que ele nunca conseguiria falar com elas.

Do ponto de vista da Análise do Comportamento, podemos levantar a hipótese de que a conquista amorosa era tão reforçadora para Sartre por ser um tipo de evento que diminuía a privação sexual.

Segundo Skinner (2003), o contato sexual está ligado ao bem-estar do organismo. Assim, é importante que os comportamentos que levem a ele se tornem prováveis, e que ele seja mais provável quando o organismo estiver em privação.

Podemos levantar a hipótese de que Sartre, por ter mais dificuldades na conquista amorosa por sua aparência, fortaleceu as respostas verbais para que isso ocorresse, o que parece ter aumentado a sua eficiência nesse comportamento, assim como a importância que ele dava a esse tipo de resposta.

Comportamento de igualdade de Beauvoir em relação à Sartre

Segundo Sérgio e Gioia (2007), quando um organismo efetua um comportamento operante ele será imitado porque provavelmente as conseqüências reforçadoras da ação ocorrerão também para quem o imitou.

Podemos chamar esse processo de modelação apenas quando o comportamento daquele que imita reforça o imitado. A imitação (que é a resposta de imitar o modelo) é um processo importante, pois possibilita a primeira ocorrência de um comportamento, fazendo com que as conseqüências reforçadoras passem também a ocorrer. (SÉRIO & GIOIA, *op. cit.*)

Sartre e Beauvoir demonstravam gostar de serem parecidos e de ter tantas coisas em comum. Porém, em alguns casos, notamos que Beauvoir agia para que tivesse um comportamento parecido com o dele. Isto se evidencia quando ela diz que se sentia como ele quando tinha relações com mulheres

.Em seu relato, Beauvoir demonstra que era reforçador para ela ter a sensação de ser ele. Podemos supor que esse comportamento foi gerado por imitação: ela se comportando como ele tinha as mesmas conseqüências reforçadoras, e ele servindo de modelo, mantinha a relação aberta do casal (ou seja, com outras pessoas envolvidas); além de que ela trazia as mulheres com quem se envolvia para o círculo social deles, o que o aumentava. É importante lembrar que muitas das mulheres com quem ela se relacionou, posteriormente mantiveram relacionamento amoroso ou sexual com Sartre.

Nossa hipótese é que esse comportamento era também reforçador para Beauvoir, quando ela escreve que a mulher apaixonada tem os mesmos comportamentos que o amado tem, se interessa pelas mesmas coisas, adota amizades, gostos, inimizades, opiniões. Diz ainda ser muito importante para esta mulher quando o homem a quem ama se refere a eles como “nós”, pois isso significa ,segundo Beauvoir, que ele se identifica com ela. (BEAUVOIR, 1953, apud ROWLEY, 2006). Neste caso Beauvoir está dizendo que é reforçador imitá-lo, pois é reforçador ter as mesmas conseqüências que ele. Além disso, aponta a importância de ser reconhecida por ele, o que entende como sendo reforçador para a pessoa que ama.

Em algumas circunstâncias, podemos entender que o relacionamento amoroso deles foi construído por mandos. No começo do relacionamento, Beauvoir tinha desprezo pelas solteiras, segundo Rowley (2006), Beauvoir relata que chocava os outros com este relacionamento aberto e que ela mesma tinha que aceitar a idéia. Diz que não havia se desprendido dos tabus sexuais e que se chocava com a promiscuidade feminina.

Rowley (*op.cit.*) descreve que apesar de em seu diário de 1927 Beauvoir se colocar contra o casamento, no começo da relação deles (1929) ainda sonhava com o grande amor e, quando Sartre dizia a que tinha planos de que eles se separassem no futuro e voltassem a ficar juntos depois, ela tentou não pensar em seus medos porque ele os consideraria fraqueza. Sartre, de acordo com Rowley (2006), parece ter se admirado dela ter aceitado a relação como ele queria.

Podemos entender esse comportamento de Beauvoir como mando porque ela ainda tinha medo, mas era reforçada por tentar não tê-los. Segundo Sérgio e Andery (2005), comportamento verbal é um tipo de comportamento, sua especificidade é ser mediado por outras pessoas que foram preparadas para isso, apesar de nem todo comportamento mediado ser verbal. Dentre os seis operantes verbais primários apontados pelas autoras estão o mando e o tato.

Mando é um operante verbal emitido quando o sujeito está sob privação ou controle de estimulação aversiva. Pedidos, ordens e avisos são muitas vezes mandos (SÉRIO E ANDERY, *op. cit.*)

Sendo assim, podemos levantar a hipótese de que os comportamentos de Beauvoir eram parecidos com os de Sartre por mandos, se entendermos que eram mantidos por uma estimulação aversiva: se ela não aceitasse se relacionar com ele do jeito que ele queria, eles não poderiam se relacionar. Com isso, ela passou a ter para si muitos valores dele.

Segundo Sérgio (2005), com o comportamento verbal desenvolve-se a capacidade de descrever uma contingência, que tem como possibilidade a produção de novas respostas de uma outra pessoa.

Como relatam Silva e Weber (2006), regras descrevem contingências consistindo em estímulos discriminativos verbais antecedentes. Esse comportamento de seguir regras é modelado desde que nascemos. Na Análise do Comportamento, o termo regras é mais amplo do que o tradicional, incluindo também o que é chamado de instrução, conselho, ordem, leis, folclore, provérbios, e tudo o mais que possa descrever contingências. Elas são seguidas porque tem uma história de reforçamento social. São duas as contingências descritas: a próxima e a última como, por exemplo, "se você estudar, você vai aprender". A contingência próxima (estudar) é a aquela controlada por regras e a contingência última demonstra a relação entre comportamento e consequência. Na regra, a característica fundamental é fortalecer um comportamento que trará consequências a longo ou médio prazo.

Podemos entender, então, que esses comportamentos parecidos entre eles eram mantidos também por regras.

O comportamento de seguir regras é vantajoso, pois as pessoas entram em contato com contingências sem terem que passar por elas e simplificam contingências de reforço, mas é desvantajoso quando a contingência muda e a regra se mantém.

Regras feitas pela própria pessoa cujo comportamento será controlado são chamadas de auto-regras, que podem ser públicas ou privadas. Quando não descrevem uma contingência verdadeira, essas auto-regras podem causar sofrimento (SILVA E WEBER, *op. cit.*):

“Como teria evoluído se não tivesse encontrado Sartre? Ter-me ia libertado mais cedo ou mais tarde do meu individualismo, do idealismo e do espiritualismo que anda me dominavam? Não sei. O fato é que o encontrei e que esse foi o acontecimento capital de minha existência.” (BEAUVOIR, 1982,p.27)

Beauvoir descreve aqui a influência que Sartre teve em seus comportamentos. Podemos supor que muitos desses comportamentos que ela teve eram mantidos por regras apresentadas por ele, e também que com essa influência muitos de seus comportamentos foram causados por auto-regras que ela fazia em decorrência desse relacionamento.

Para exemplificar, podemos pensar no que Rowley (2006) descreve sobre Sartre quando ele voltou da guerra. Ele voltara não para aproveitar a liberdade, mas para agir, o que desconcertou Beauvoir, que não ligava muito para questões políticas. Ela diria que ele estava diferente e que sentia que falavam diferentes línguas. Porém, com o tempo, ela se aliou a ele. Ambos trabalharam muitos anos na edição de uma importante revista política.

A questão do casamento

Apesar de em seu diário de 1927 ter se colocado contra o casamento (porque o considerava imoral pelo comprometimento da pessoa no futuro, sendo

que, para ela, uma escolha devia sentir sempre sendo feita), Beauvoir tinha desprezo pelas mulheres solteiras no início de sua relação com Sartre. Considerava que esse relacionamento aberto chocava os demais, e ela mesma tinha que aceitar a idéia de ter esse tipo de relação. Também não tinha se desprendido dos tabus sexuais e se chocava com a promiscuidade feminina. Rowley (2006) afirma que antes de começar a se relacionar com Sartre, Beauvoir se via no futuro como mãe, mulher e escritora.

Mas o que a teria levado a se colocar dessa forma no relacionamento, então?

Podemos levantar a hipótese de que isso se deu pelos mesmos processos que os descritos no item anterior, em que analisamos o porquê de eles serem tão parecidos.

Sartre colocava que não conseguia ser monogâmico, o que podemos entender como uma auto-regra, que descreve uma contingência: na presença de alguma mulher por quem se interessava, ele emitia o comportamento de tentar conquistá-la (sua conquista se dava principalmente pela conversa) e, como consequência, poderia conquistar a mulher. Sartre disse a Beauvoir que ela também não deveria deixar de ter outros relacionamentos, que o deles seria o relacionamento principal para ambos, mas que deveriam ter outros secundários. Podemos classificar esse comportamento como uma regra: você deve ter outros relacionamentos, para não perder sua liberdade, por exemplo.

Poderíamos também supor a existência de imitação quando, por exemplo, pensamos nos casos amorosos que ambos tinham. Sartre começou tendo outros relacionamentos, e Beauvoir passou também a tê-los o que fazia com que ela tivesse acesso as consequências reforçadoras desse tipo de comportamento, enquanto isso era reforçador para ele por legitimar seus relacionamentos: enquanto ela também estivesse agindo assim, não exigiria que o relacionamento fosse exclusivo.

Também podemos levantar a hipótese de que esse relacionamento se mantinha por mando: se ela não aceitasse isso, ela o perderia. Essa hipótese pode ser devido ao que afirma Rowley (2006): quando ele propôs a Beauvoir

que se casasse para não serem mandados para trabalhar em cidades diferentes, ela respondeu que não, por saber o que o casamento significava para Sartre e também porque, se assim o fizessem poderia passar sua vida com remorso no futuro. Percebe-se nesse caso que o comportamento de dizer não ao casamento está sendo executado para evitar consequências aversivas.

É importante destacar que, pelo que Beauvoir escreve em seu diário de 1927, apesar de ser aversivo para ela as considerações que as pessoas faziam sobre esse tipo de relacionamento, parece também ser reforçador o não casar, o que tornaria mais fácil os processos acima descritos manterem o comportamento de não casar na sua relação com Sartre.

O envolvimento com jovens

Conforme relatado acima, o comportamento de Beauvoir de se envolver com jovens mulheres parece, em parte, decorrer da imitação do comportamento de Sartre. Ela diz que se sentia como ele quando tinha relações com jovens mulheres e provavelmente era reforçador para ela sentir que podia entrar na pele de Sartre nesses momentos.

Porém podemos pensar em outras contingências que ocorrem quando ambos se envolvem com jovens, mesmo porque não eram só com mulheres jovens: sempre tiveram preferência em suas relações por pessoas mais jovens que eles; muitos foram em algum momento seus alunos.

É importante lembrar que eles eram admirados por esses jovens. Os alunos de Sartre, de acordo com Rowley (*op.cit.*), eram fascinados por ele, Sartre e Beauvoir eram como mestres para seus amigos. Uma hipótese para explicar esse comportamento pode ser a de que a atenção era um reforçador para ambos.

A atenção é definida por Skinner (2003) como um reforço generalizado, este é um reforço que foi emparelhado com mais de um reforçador primário. Em um reforço generalizado, a condição momentânea do organismo não é

importante. Assim, a atenção é reforçadora porque possibilita outros reforços. Muitas vezes, mais do que atenção, a aprovação pode ser reforçadora.

No caso do envolvimento deles com esses jovens, a atenção e a aprovação são comportamentos bastante presentes, e podem ser considerados os reforçadores que mantinham essas relações.

Comportamentos revolucionários e relação não convencional

Rowley (2006) afirma que Sartre desdenhava do convencionalismo, e que ele e Beauvoir tinham consciência de inventar a relação deles enquanto a viviam. Sartre escreve a certa altura em seu diário que estava cansado da relação que haviam construído, pois queria uma vida desregrada (Sartre, 1977, *apud* Rowley, 2006).

Demonstra-se assim que o comportamento de não seguir regras em alguns contextos parecia ser bastante reforçador para ele. Esse valor reforçador pode estar associado à noção de liberdade que, como foi colocado no primeiro item, diz respeito ao controle positivo. No caso da relação deles, depois de terem construído algo, se verificou a obrigatoriedade de continuar agindo do mesmo modo, e isto se apresentava como um controle aversivo, o que fazia Sartre “se cansar” dessa situação.

Em relação aos comportamentos revolucionários apresentados por eles podemos relacionar com o que escreve Skinner (2003): a palavra “original” é usada para designar idéias que resultam de uma variável manipulada de acordo com procedimento não rígido e quando ela tem outra fonte de probabilidade de emissão. Porém, o original, apesar de ser algo novo, resulta de uma indução que é determinada pela história do indivíduo.

De acordo com Hunziker (2006), apesar de não haver consenso sobre a definição de comportamento criativo, ele envolve ao menos novidade ou algo diferente do que ocorreu anteriormente. Porém, isso não é suficiente para caracterizar algo como criativo. A autora afirma que ele é organizado e sujeito a

leis - as pessoas aprendem a agir assim ao longo da vida - e sugere que a análise funcional da variabilidade comportamental pode ter implicações diretas para o comportamento criativo. Conclui que a criatividade pode ser um comportamento operante e que assim os comportamentos de criar podem ser controlados por conseqüências.

Podemos, então, entender que os comportamentos revolucionários de Sartre e de Beauvoir eram controlados por conseqüências, uma delas era a de gerar atenção, que como foi colocado no item anterior, é um reforço generalizado.

Ambos queriam se colocar na posteridade, escrever sobre tudo, inclusive sobre suas vidas, e diziam que não queriam que seus diários fossem destruídos. Sempre quiseram que se falasse deles e assim, criaram um mito, Rowley (2006) destaca ter ficado com a impressão quando entrevistou Beauvoir de que ela parecia confundir sua vida com o mito que havia criado, o que demonstra a importância que isto tinha em sua vida.

Segundo Skinner (2003), comportamentos como o exibicionismo são fortes por chamar a atenção. E podemos entender que o comportamento do casal escrever sobre suas vidas, bem como esses comportamentos revolucionários que apresentavam, sejam o que o autor chamou de exibicionismo.

Comportamento de contar tudo um ao outro

Certa ocasião, Sartre disse a Beauvoir que se contassem todas as coisas de sua vida um para o outro, eles não se sentiriam excluídos e assim não haveria ciúme. Para ele, deveria haver abertura total, sem segredos nos casos amorosos, para que não houvesse insegurança e dúvidas. Podemos entender que esse comportamento dele era uma auto-regra, que ele propôs para Beauvoir como uma regra, e que ela aceitou, considerando ser algo assustador e estimulante.

Nossa hipótese é que esse comportamento de contar tudo um ao outro era reforçado por gerar controle um do outro. Eles tinham um pacto que dizia que deveriam ser o parceiro principal um do outro. Se eles contassem todos os eventos, quando e como encontravam outras pessoas, o que sentiam por elas, haveria sempre um controle do outro sobre essas situações.

Assim, por exemplo, quando ele estava com uma de suas outras mulheres, ele precisava descrever estas relações e assim aumentava a possibilidade de autoconhecimento do que sentia por ela para contar a Beauvoir. Segundo Ferreira e Farias (2009), o autoconhecimento na Análise do Comportamento é entendido como comportamento de fazer análises funcionais e, com isso, o sujeito está mais preparado para prever e controlar seu próprio comportamento. Sartre ao contar tudo para Beauvoir, Sartre aumentava suas possibilidades de perceber o que causava seus comportamentos e que conseqüências eles tinham, apesar de não podermos afirmar que isso era feito.

Com isso, ele mantinha sob controle seus comportamentos, tanto porque estava aumentando a possibilidade de identificar constantemente as contingências, como também porque o sentimento que ele descrevia não podia, pela regra, ser mais forte pelas outras do que por Beauvoir, já que ele tinha que “prestar contas” a ela. Portanto, os comportamentos deles com outras pessoas estavam constantemente sendo controlados pelo outro (no caso de Sartre por Beauvoir, e de Beauvoir por Sartre) e isto poderia tornar aversivo um reforçador com outra pessoa. Por exemplo, ao decidir viajar com alguém, mesmo que em alguns momentos fosse reforçador para a relação de Sartre com esse alguém, poderia se tornar aversivo por ele ter que contar a Beauvoir. Isso poderia diminuir a frequência de respostas que os tornava mais envolvido com outras pessoas.

Podemos entender que essas contingências favoreciam que o comportamento de contar tudo fosse mantido.

Relacionamento amoroso apesar do término das relações sexuais.

“O que é amor senão outra palavra para reforço positivo?”

Skinner, B.F

Quando Beauvoir estava com trinta e três anos e Sartre com trinta e seis, a relação sexual deles acabou. Sartre perdeu o desejo sexual por ela. E eles ligavam isso em parte à sua vergonha do próprio corpo; ele não dava muita importância à vida sexual. (ROWLEY, 2006) Contudo, eles continuaram tendo o que chamavam de relação amorosa durante o resto da vida.

De acordo com Skinner (2003), o afeto é um reforço generalizado forte. Ele pode estar ligado ao reforço primário do contato sexual, mas quando ele está ligado também a outros tipos de reforço, ele é generalizado.

No caso do relacionamento deles, podemos entender que o afeto era generalizado por dar acesso a vários tipos de reforço. Segundo Torres e Wielewiski (2009), os comportamentos envolvidos no amor são, por exemplo, ternura, cumplicidade, tolerância, fidelidade, humor, intimidade. Todos esses comportamentos certamente estavam sendo reforçados na relação de Sartre e Beauvoir. Isto podia estar mantendo este comportamento de afeto e esta relação, que mesmo sem ter o contato sexual, era concebida como amorosa, e como a relação mais importante da vida de ambos.

Torres e Wielewiski (2009) afirmam que o amor está relacionado com as contingências entre sujeito e ambiente, e também pelo histórico de reforçamento dos envolvidos. Podemos entender, então, que esse relacionamento sem contato sexual (contato que pode ser muito importante para outras pessoas), por um histórico de reforçamento, não era tão reforçador a ponto de ser necessário para manter a relação. Esta era mantida por seus outros reforçadores, provavelmente alguns dos quais relacionados aos comportamentos relatados acima.

Comportamento de encontrar, cuidar e sustentar suas ex-namoradas

Sartre passou toda a vida sustentando e encontrando ex-amantes, mesmo que não tivesse a relação amorosa que mantinha com Beauvoir. Depois que deixava de ter um relacionamento sexual, ele ainda cuidava e mantinha contato com muitas delas. Ele até tinha estipulado um horário na sua semana para cada uma com a qual maninha essa relação (Rowley, 2006).

Sylvie Le Bom, em brigas com Sartre, dizia-lhe que ele tornara suas mulheres indefesas; estas estavam sempre doentes ou cansadas e não faziam nada. (Rowley, 2006). Esse comportamento pode ser entendido à luz do conceito de desamparo aprendido.

Para explicar o conceito de desamparo aprendido, Hunziker (2003) recorre ao experimento relatado por Seligman e Maier (1967) em que dois cães presos ficavam expostos ao choque, enquanto um outro não. Só um dos cães que recebia os choques poderia controlá-lo (desligando-o ao pressionar um painel com o focinho) e, quando fazia isso, desligava também o choque do outro cão. Depois de vinte e quatro horas, os três animais foram expostos a uma sessão de reforçamento negativo para o comportamento de correr. O cão que não tinha recebido choques, assim como o que o controlou, apresentaram as respostas de fuga com menor latência, e o cão que não controlava o choque teve latência alta, não apresentando muitas respostas de fuga; quando isso ocorria não alterava a probabilidade da resposta. Assim, esse cão que não controlava o choque não aprendeu o comportamento de fuga.

Podemos então pensar que essas doenças ou cansaços das mulheres que eram dependentes de Sartre, poderiam ser resultados de uma história em que elas não controlavam muitos aspectos de suas vidas. Por exemplo, elas não trabalhavam e recebiam dinheiro dele. Algumas, quando trabalhavam, o faziam por intermédio dele, que conseguia que atuassem como atrizes em alguma peça teatral. Portanto, não precisavam se esforçar para conseguir o que desejavam.

Isso pode ter causado a dependência delas, uma vez que não tinham disposição para ir atrás de seus objetivos, já que, por uma história de reforçamento, não controlavam muitos aspectos de seu futuro; quem o fazia era Sartre.

Podemos entender a relação dele com essas mulheres também pelo conceito de afeto, como colocado no item anterior. Ele era necessário a essas mulheres, que precisavam dele por muitos motivos. Por exemplo, quando ele as sustentava, isto fazia com que recebesse atenção (elas doavam seu tempo para ele e o requisitavam), aprovação (apesar de muitas vezes não ser aprovado) e cuidado (no final da vida, por exemplo, elas se revezavam para cuidar dele). Além disso, Sartre estava em uma posição de controle, o que parece ser bastante reforçador para ele.

Ciúme e não ciúme na relação com outras pessoas

Tato é um operante verbal emitido quando um estímulo antecedente específico não verbal é o que controla o comportamento. É o ambiente físico que controla as respostas de tato, aquilo de que se fala a respeito (SÉRIO E ANDERY, 2005)

Podemos entender o ciúme como tato, quando Sartre relata seus comportamentos privados.

Sartre achava que as pessoas deviam dominar suas emoções, ele decidira não ter ciúme por não gostar de senti-lo e por considerá-lo possessividade. Beauvoir lutou a vida toda contra o ciúme, mas, para ela, isto parece ter sido difícil. (ROWLEY, 2006).

No entanto, apesar dessa posição que Sartre tentava assumir, são retratadas sobre Sartre no livro de Rowley (2006) muitos casos de ciúme dele com outras pessoas. Por exemplo, quando observava Olga sair com outro homem (Zuorro), Sartre ficava com muito ciúme; quando ela começou a se relacionar com Bost, ele passou seis meses com ciúme; também teve muito ciúme de Wanda quando esta se encontrava outro homem (Blin).

Sartre não controlava muitas variáveis do comportamento das outras pessoas com quem se relacionava, pois, apesar de sustentar muitas de suas mulheres e, portanto, elas dependerem dele, podia controlar que elas

estivessem ali, mas não que estariam só com ele ou que ele seria o mais importante da vida delas.

Quando Beauvoir levantou a questão do ciúme de acordo com o que já foi dito, Sartre respondeu que não havia lugar para insegurança se contassem tudo um ao outro. Provavelmente seria inviável contar tudo a todas as pessoas com quem se relacionavam já que, de acordo com Rowley (2006), estas não aceitavam tal relacionamento. Mesmo a reação de Beauvoir de ter aceitado sua proposta o deixou surpreso.

O não controlar então (no sentido de não saber o que é que a outra pessoa fazia) e nem controlar o quanto ela se envolveria com a outra pessoa, já que com outros eles não tinham esse acordo de além de contar tudo, também serem as pessoas mais importantes uma da vida da outra, pode ter possibilitado o ciúme dele para com essas mulheres.

Na obra de Rowley (*op.cit.*) não são encontradas menções claras ao ciúme de Beauvoir em relação a outros homens. Isso pode ter decorrido de alguns fatos, como o de ela ter tentado esse comportamento de contar tudo a Bost, o que pode ter feito com que conseguisse controlar mais o comportamento dele. Vale lembrar que Rowley descreve que Beauvoir se sentiu mal por não poder revelar seu relacionamento com Bost por ele ser o marido de Wanda, e com Sartre, por ele estar com Wanda. Além disso, com Algren, ele parece muito mais dedicado ao relacionamento; parece que ela não se sentia ameaçada em relação a perdê-lo.

Já em seu relacionamento com Lanzmann, Beauvoir ao receber a notícia de que ele tinha outra, tenta convencê-lo de que elas o dividissem. Podemos levantar a hipótese de que isso foi sugerido por conta desse modelo de relacionamento aberto em sua vida. O que facilitaria que ela conseguisse dividi-lo, além disso, a relação proposta por ela possibilitaria que não o perdesse, já que essa parece ser sua única outra alternativa.

Conclusão: O ciúme, e o não ciúme, na relação Sartre-Beauvoir

Como já foi dito, segundo Costa (2005; 2009²), existem alguns processos, que podem estar envolvidos na manutenção e instalação do ciúme:

Regras:

Podemos entender que ao dizer que não deveriam ser controlados pela emoção, pois estariam sendo reativos e não ativos, Sartre estabelecia uma regra a Beauvoir e uma auto-regra a ele mesmo.

Imitação:

No caso de Beauvoir, ela imitava o comportamento de Sartre, que lhe servia de modelo. Ela tinha como consequência ,por exemplo, não brigar quanto a esta questão, consequência que era também reforçadora para ele.

Punição

A briga que poderia ocorrer no caso de manifestações de ciúme seria punitiva e sua ausência podia ocorrer por esquiva. Essa esquiva também poderia ocorrer pela punição do grupo, pois as pessoas com quem se relacionavam estavam no mesmo círculo social deles.

Reforço positivo

Podemos entender que o ciúme era um reforço positivo, quando Sartre percebe que Beauvoir era capaz de ter essa relação sem manifestações significativas de ciúme, também podemos imaginar que ele a reconhece por isso, o que poderia se revelar como um reforço positivo para Beauvoir.

Reforço negativo

² Na referência bibliográfica Costa (2005) e (2009) apresenta iniciais diferentes, pois em um dos trabalhos colocou seu nome inteiro e no outro reduzido.

Poderíamos classificar o comportamento de ciúme como reforço negativo caso o comportamento de não manifestar ciúme fosse mantido para que a relação não acabasse, e assim eles ficassem sem o outro.

Contudo, o comportamento de não manifestar ciúme também pode ser entendido indiretamente, segundo os aspectos levantados nos itens anteriores sobre o relacionamento de Sartre e Beauvoir. Entendemos que o ciúme que sentiam, e o que não sentiam, derivava das diferentes contingências interligadas desse relacionamento.

Como já foi dito Sartre afirmava não gostar de ciúme, e dizia que decidira não ter esse sentimento, porém relatava ter ciúme de outras pessoas. Na relação Sartre-Beauvoir esse ciúme também aparece. Em alguns momentos Beauvoir o manifesta. Porém, segundo o livro de Rowley (2006), podemos entendê-lo como um ciúme mais fácil de lidar, já que nunca brigavam por ciúme e pouco falavam sobre isso.

Essa pouca ênfase no ciúme pode ser decorrência do acordo que eles fizeram, pois, como Sartre disse: se compartilhassem todas as coisas um com o outro, não estariam fora da vida do outro e não haveria ciúme. Essa hipótese está de acordo com a afirmação de Banaco (2005, *apud* Costa, 2009), de que indivíduos que têm um histórico de reforçamento forte, com alta frequência e bem sinalizados, têm menor probabilidade de apresentar ciúme.

Sendo assim, é importante lembrar que o relacionamento deles, com todas as características já citadas, se baseava em um bom relacionamento. Segundo Beauvoir, seu relacionamento foi um sucesso, e eles só foram dormir brigados uma vez durante suas vidas.

Provavelmente, ambos tinham histórico de reforçamento forte. Estavam sempre presentes e comunicavam constantemente seu afeto um pelo outro. Não são descritas situações no livro em que Beauvoir não estivesse apoiando ou manifestando seus sentimentos por Sartre. Em alguns momentos, Sartre demonstrou que ela não seria sua primeira escolha, por decidir viajar por um tempo mais prolongado para ficar com alguma de suas outras mulheres, o que

talvez tenha propiciado esse ciúme que Beauvoir sentiu e manifestou algumas vezes.

Por outro lado, Beauvoir parece ter se mantido, de acordo com as situações relatadas, sempre disposta a estar com Sartre, como, por exemplo, quando eles decidiram se separar por quatro meses, pois ela iria ver um homem com quem se relacionava em outro país e a mulher com que Sartre estava se relacionando iria ficar com ele em Paris. Porém, quando esta decide não o ver, Beauvoir reduz sua viagem pela metade, diante da possibilidade de estar com Sartre.

Podemos entender, de acordo com as afirmações de Banaco (2005, *apud* Costa, 2009), que os reforçadores de Sartre eram mais frequentes que o de Beauvoir, o que poderia contribuir para que ela apresentasse mais ciúme do que ele.

Parecia, portanto, tratar-se de um relacionamento pouco punitivo, o que poderia ser um estímulo discriminativo para não haver comportamentos de ciúme, mesmo quando se envolviam com outras pessoas.

Apresentamos neste trabalho as características da definição de ciúme, para a Análise do Comportamento e a partir delas teceremos outras considerações a respeito da relação Sartre- Beauvoir.

As respostas reforçadoras e/ ou coercitivas possivelmente envolvidas nesse comportamento foram analisadas anteriormente, podemos ainda falar de respostas coercitivas para evitar a perda de um estímulo reforçador. De acordo com a história da relação apresentada na obra, podemos inferir que estas respostas coercitivas poderiam aumentar a possibilidade da perda.

Com isso, podemos entender que mesmo Beauvoir sentindo ciúme, ela seria reforçada por não o relatar, e, nas vezes que manifestava um comportamento ciumento, este era feito de forma não muito punitiva. Assim, ela não exigia que Sartre não mantivesse outros relacionamentos amorosos, mas apenas descrevia o sentimento, ou se comportava de modo ciumento, o que provavelmente era manifestado por: ficar mais agitada, não querer estar com

Sartre enquanto ele estava com outra pessoa, ou ainda chorar quando não estivesse na presença dele.

De acordo com a outra característica da definição de ciúme, ele estaria relacionado à condição sinalizadora de uma possível perda do estímulo reforçador. Como foi analisado, o relacionamento deles se constituía como bastante forte. Isso era decorrência da regra de que teriam esse relacionamento sempre, além de deverem falar tudo um ao outro.

Podemos inferir, então, a regra “estaremos aqui apesar de tudo o que você possa me dizer”. Esta regra, além da alta frequência de reforços intensos e bem sinalizados, poderia sinalizar a eles que a probabilidade de perda um do outro era muito baixa e, portanto, diminuiria a probabilidade de respostas de ciúme.

A outra característica que aparece na definição de Costa (2005) é a relacionada ao comportamento social, que já foi analisado anteriormente.

É importante ressaltar que para Skinner (1991) nunca teremos acesso direto aos comportamentos privados de outros indivíduos e, assim, os nomes de sentimentos não são ensinados com tanto sucesso. Portanto, não podemos afirmar muito sobre Sartre e Beauvoir, mas apenas sobre o que se podia observar pelos relatos deles e das pessoas que conviveram com ambos.

O comportamento de ciúme não era reforçador para eles, o que aumenta a probabilidade de que não o relatassem e, como coloca Costa (2009), o indivíduo pode, apesar do comportamento privado, não apresentar nenhum comportamento público.

Concluimos, assim que apesar de não termos acesso aos comportamentos privados e, portanto, não podermos afirmar que esse sentimento era pouco freqüente, os comportamentos públicos o eram, entendendo que essa baixa taxa de respostas ocorria como consequência das contingências descritas.

Considerações finais:

O trabalho apresentado aqui buscou, a partir da abordagem teórica da Análise experimental do Comportamento, levantar hipóteses acerca do ciúme no relacionamento do casal Jean-Paul Sartre e Simone de Beauvoir, descrito pelo livro de Rowley (2006) que se constitui em uma biografia dessa relação.

Entendemos que as situações e contingências envolvidas no relacionamento do casal não favoreciam o comportamento de ciúme e que, assim, ele pôde ser, de acordo com as contingências, senão extinto, pelo menos seus comportamentos públicos diminuídos, e pudemos inferir que os comportamentos privados também.

Contudo, essa foi uma hipótese levantada de acordo com as restrições que uma análise teórica apresenta. Consideramos que estudos com casais contemporâneos e empíricos, baseados na Análise do Comportamento, possam ser realizados para propiciar novas contribuições ao estudo do ciúme nos relacionamentos amorosos abertos.

Referências bibliográficas

ALMEIDA, Thiago de & RODRIGUES, Kátia Regina Beal & SILVA, Ailton Amélio da. O ciúme romântico e os relacionamentos amorosos heterossexuais contemporâneos. *Estudos de Psicologia*, Natal, vol. 13 n.1, p.83-90, 2008. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-294X2008000100010>. Acesso em: 5 abr. 2009

ARREGUY, Marília Etienne. Dois romances, tempos distintos: uma reflexão sobre o amor e o ciúme na atualidade. *Rev. Mal-estar e Subjetividade*, Fortaleza, vol. 4 n.1, p.112-130, 2004. Disponível em <http://www.unifor.br/joomla/joomla/images/pdfs/pdfs_notitia/165.pdf>. Acesso em 7 abr. 2009.

ARREGUY, Marília Etienne. & GARCIA, Cláudia Amorim. Algumas aproximações entre o ciúme, a melancolia e o masoquismo. *Psic. Rev.*, Belo Horizonte, vol.8, n.11, p. 111-122, jun. 2002. Disponível em <http://www.pucminas.br/imagedb/documento/DOC_DSC_NOME_ARQUI20041214154849.pdf>. Acesso em 7 abr. 2009

BAUMAN, Zygmunt. *Amor líquido*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Ed., 2004.

BAUMAN, Zygmunt. , *Ética pós-moderna*, São Paulo, Paulus, 1997.

BEAUVOIR, Simone de. *Balanço final*, Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1982.

BRANDÃO, Maria Zilah da Silva, et al. Comportamento de esquiva no contexto clínico, . In: GUILHARDI, Hélio José & AGUIRRE, Noreen Campbel. (Org.) *Sobre comportamento e cognição: Expondo a variabilidade* vol. 18, cap 44, Santo André, ESETec Editores Associados, p.509 – 513, 2006.

CARVALHO, Lucas de F., O papel das crenças no ciúme romântico: uma abordagem sócio cognitiva. In: Silva, Wander C.M.P. (Org.), *Sobre comportamento e cognição reflexões teórico-conceituais e implicações para pesquisa* Vol. 20, cap.11, Santo André, ESETec Editores Associados, p.119-122, 2007.

Costa, Jurandir Freire. *Sem fraude nem favor: estudos sobre o amor romântico*. Rio de Janeiro, Ed. Rocco, 1998.

Costa, Nazaré. Contribuições da psicologia evolutiva e da análise do comportamento acerca do ciúme. *Rev. bras.ter. comport. cogn.*, vol.7, n.1, p.05-14, 2005. Disponível em <<http://revistas.redepsi.com.br/index.php/RBTCC/article/view/38/27>>. Acesso em 6 mai. 2009.

Costa, Maria de Nazaré Pereira, *Busca de definição operacional de ciúme uma construção teórica e empírica*, Belém, 2009, 179p. Tese (doutorado) - Programa de Pós-Graduação em Teoria e Pesquisa do Comportamento - Universidade Federal do Pará. Disponível em <<http://www.ufpa.br/ppgtpc/dmdocuments/DOUTORADO/TeseNazareCosta2009.pdf>>. Acesso em 5 mai. 2010

Fava, Vírginia Maria D., Abreu-Rodrigues, Josele. Ponto Final: uma questão de escolha e de sorte. Em de-Farias, Ana.Karina.C.R, Ribeiro, Michela Rodrigues. (Org.) *Skinner vai ao cinema* Santo André: ESETec Editores associados, p. 101-114, 2007.

Ferreira, Aurélio Buarque de Holanda. *Novo dicionário da língua portuguesa*. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, p.414,1986.

Ferreira, Leandra Nunes de Souza, de-Farias, Ana Karina C.R. Autoconhecimento e relações amorosas: um estudo de caso. Em Wielenska, Regina Christina (Org.) *Sobre comportamento e cognição: desafios, soluções e questionamentos*, vol. 24, cap. 5, Santo André, ESETec Editores Associados, p.56-64, 2009.

GIDDENS, Anthony, A transformação da intimidade: sexualidade, amor e erotismo nas sociedades modernas, São Paulo, UNESP, 1993.

HUNZIKER, Maria Helena Leite, O desamparo aprendido revisitado: estudos com animais, *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, vol.21, n. 2, Brasília, Mai/Ago,p. 131-139, 2005. Disponível em <<http://www.scielo.br/pdf/ptp/v21n2/a02v21n2.pdf>>. Acesso em 2 abr. 2010.

HUNZIKER, Maria Helena Leite, Comportamento criativo e análise do comportamento I: variabilidade comportamental. In: GUILHARDI, Hélio José & AGUIRRE, Noreen Campbel (Org.), *Sobre comportamento e cognição: Expondo a variabilidade* vol. 18, cap 13, Santo André, ESETec Editores Associados p.156-165, 2006.

LEITE, Sandra M. C. de, Ciúme e inveja: a visão comportamental. In: WIELENSKA, Regina Christina (Org.). *Sobre comportamento e cognição questionando e ampliando a teoria e as intervenções clínicas em outros contextos*, vol.6, cap. 9, Santo André, ESETec Editores Associados, p.70-73, 2001.

NEVES, Ana Sofia Antunes das. As mulheres e os discursos genderizados sobre o amor: a caminho do "amor confluyente" ou o retorno ao mito do "amor romântico"? *Revista Estudos Feministas*, v. 15, n. 3, p.609-627, 2007. Disponível em <<http://www.scielo.br/pdf/ref/v15n3/a06v15n3.pdf>>. Acesso em 8 out. 2009.

NUNES, Lauane Baroncelli. *O ciúme nas relações amorosas contemporâneas*. Rio de Janeiro, 2006, 135. Dissertação (Mestrado em psicossociologia de comunidades e ecologia social) - Programa de estudos interdisciplinares e ecologia social, Instituto de Psicologia, Universidade Federal do Rio de Janeiro. Disponível em <http://www.psicologia.ufrj.br/pos_eicos/pos_eicos/arq_anexos/arqteses/lauanenunes.pdf>. Acesso em 2 jun. 2009.

PRETTO, Zuleica & MAHEIRIE, Kátia. & TONELI, Maria Juracy Filgueiras, Um olhar sobre o amor no ocidente. *Psicologia em estudo* vol.14, n.2, p.395-403, 2009. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-73722009000200021>. Acesso em 2 dez. 2009.

RIBEIRO, Michela R. O show de Truman – A escolha por um “controle mais livre” Em GUILHARDI, Hélio José, AGUIRRE, Noreen Campbel. (Org.) *Sobre comportamento e cognição: Expondo a variabilidade* vol. 18, cap 23, Santo André, ESETec Editores Associados p. 280 – 285, 2006.

ROWLEY, Hazel, *Tête-à-Tête*, Rio de Janeiro: Editora Objetiva Ltda, 2006.

SÉRIO, Tereza Maria & GIOIA, Paula S., Sobre cultura e ambiente social: origem e processos Em *Consciência e análise do comportamento* p.1-5, 2007, material de aula do curso de Psicologia da Pontifícia Universidade Católica.

SIDMAN, Murray. *Coerção e suas implicações*. Editora Livro Pleno, 2003.

SILVA, Wander C. M. P. O amor: da mitologia a ciência do comportamento. In: GUILHARDI, Hélio José & AGUIRRE, Noreen Campbel (Org.) *Sobre comportamento e cognição: Expondo a variabilidade* vol.16, cap. 33, Santo André, ESETec Editores Associados. p. 359-365, 2005.

SILVA, Maria Cecília de Abreu & WEBER, Lídia N.D., Regras e auto-regras: um estudo sobre o comportamento de mulheres no relacionamento amoroso. In: GUILHARDI, Hélio José & AGUIRRE, Noreen Campbel (Org.) *Sobre comportamento e cognição: Expondo a variabilidade* vol. 18, cap. 4, Santo André, ESETec Editores Associados p.55 – 69, 2006.

Silveira, Jocelaine Martins & Perón, Francielly. A mudança clínica analisada em termos da modelagem direta na sessão. Em Wielenska, Regina Christina. (Org.) *Sobre comportamento e cognição : desafios, soluções e questionamentos* Vol. 24, cap. 1, Santo André, ESETec Editores Associados p.13-20,2009.

SKINNER, Burrhus Frederic, Contingências de reforço,(cap VIII, cinquentenário do comportamentalismo). In: Civita, Victor (Ed.) *Os pensadores*. São Paulo, Abril S.A.Cultural e Industrial p. 93 – 125, 1975.

SKINNER, Burrhus Frederic. *Ciência e comportamento humano*, São Paulo: Martins Fontes, 2003.

SKINNER, Burrhus Frederic. *Questões recentes na análise do comportamento*, Campinas, Papirus Editora, 1991.

TORRES, Albina R. & RAMOS-CERQUEIRA, Ana Teresa de A. & DIAS, Rodrigo da S., O ciúme enquanto sintoma do transtorno obsessivo-compulsivo. In: GUILHARDI, Hélio et. al. (Org.) *Sobre comportamento e cognição: Expondo a variabilidade* vol. 8, cap. 39, Santo André, ESETec Editores Associados. p. 398-412, 2001.

TORRES, Nione, WIELEWICK, Marina Gomes. Aprendendo a construir e a reconstruir uma relação a dois: repertório de casal. Em Wielenska, Regina Christina. (Org.) *Sobre comportamento e cognição: desafios, soluções e*

questionamentos Vol. 24, cap. 23, Santo André, ESETec Editores Associados p. 240-248, 2009.

VIEIRA, Juliana Belli. *Quando juntam as escovas de dente: Um estudo sobre a percepção do casamento para homens e mulheres em processo de separação judicial*. 61p., Santa Catarina, Trabalho de Conclusão de Curso (graduação em Psicologia) – Universidade do Sul de Santa Catarina, 2008. Disponível em <<http://inf.unisul.br/~psicologia/wp-content/uploads/2008/07/JulianaBelliVieira.pdf>>. Acesso em 15 mai. 2010.

WEBER, Lidia D. N. & CUNHA, Josafá M. Qualidade de interação familiar: uma análise de percepção de adolescentes sobre os conflitos em suas famílias. Em GUILHARDI, Hélio José, AGUIRRE, Noreen Campbel. (Org.) *Sobre comportamento e cognição: Expondo a variabilidade* vol. 18, cap 3, Santo André, ESETec Editores Associados p.41-54, 2006.

ZORTEA, Tiago Carlos & MACHADO, Gleison Pessoa & BORLOTI ,Elizeu. Pensando o amor na análise do comportamento. In: SILVA, Wander .C. M. Pereira da. (Org) *Sobre comportamento e cognição Reflexões epistemológicas e conceituais, Considerações metodológicas, Relatos de pesquisa*, Vol. 22, cap. 9, Santo André, ESETec Editores Associados. p. 93-111, 2008.